

ANDRÉ LUIS ARONI

**MOTIVAÇÃO E PERCEÇÃO DO ENVOLVIMENTO
PARENTAL NA PRÁTICA DESPORTIVA DE JOVENS
NADADORES**

Orientador: Prof^a. Dr^a. Catarina Sousa

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia
Faculdade de Educação Física e Desporto**

**Lisboa
2011**

ANDRÉ LUIS ARONI

**MOTIVAÇÃO E PERCEÇÃO DO ENVOLVIMENTO
PARENTAL NA PRÁTICA DESPORTIVA DE JOVENS
NADADORES**

Dissertação apresentada para a obtenção do Grau de Mestre no Curso de Mestrado em Treino Desportivo, conferido pela Faculdade de Educação Física e Desporto da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Catarina Sousa

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia
Faculdade de Educação Física e Desporto**

Lisboa

2011

Dedicatória

Em memória do Dr. Martin Lee, autor do *Parental Involvement Sport Questionnaire* (PISQ). Que este estudo possa dar sequência aos longos anos da sua dedicação académica...

Agradecimentos

É com grande orgulho que chego ao fim deste Mestrado, ao longo dos últimos anos, foram várias as pessoas que colaboraram directa e indirectamente para a realização deste trabalho, mas quero agradecer especialmente a algumas delas, por todo o apoio e carinho que recebi até este momento.

À minha amada esposa Caroline que, ao conhecer este meu sonho, não poupou esforços para me acompanhar nesta jornada. E que agora, me fará praticar todo o conhecimento teórico que absorvi, ao dar a luz a pequena Maria Eduarda, nossa primeira filha.

À toda nossa família que, mesmo distante, se fez sempre presente.

À minha orientadora Prof. Dr^a. Catarina Sousa, mesmo com tantas outras responsabilidades, cumpriu competentemente a árdua tarefa de orientar. Parabéns por ser a referência que é neste assunto e muito obrigado pelos ensinamentos!

Ao Prof. Dr. Jorge Proença, Director do Departamento de Educação Física e Desporto da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, que além de humildemente dividir sua experiência profissional, sempre mostrou grande sensibilidade ao perceber as minhas dificuldades como um estrangeiro em Portugal.

À todos os atletas e treinadores que participaram deste estudo, agradeço a atenção e cooperação na recolha dos dados, sem os quais não seria possível realizar o trabalho.

À todos estes, muito obrigado!

Resumo

O envolvimento parental no desporto é determinante no processo de formação desportiva dos jovens desportistas. Pelo facto de existirem poucos instrumentos de avaliação neste assunto, a adaptação e validação do *Parental Involvement Sport Questionnaire* (PISQ) para o idioma Português, tornou-se fundamental para colmatar esta lacuna. Assim, o presente estudo pretende alcançar dois objectivos principais: a) traduzir e adaptar o PISQ ao idioma Português do Brasil e, deste modo, iniciar o processo de validação do referido instrumento; b) analisar a relação entre a percepção dos jovens sobre o envolvimento parental na sua prática de natação e a motivação destes jovens nadadores. Um total de 114 nadadores participaram deste estudo, com idades compreendidas entre os 12 e 20 anos [$M = 14.67$; $DP = 8.29$], para aferir utilizamos a versão Portuguesa do PISQ e do *Sport Motivation Scale* (SMS). Como principais resultados, a versão portuguesa do PISQ apresentou um Alpha de Cronbach de 0,62, os comportamentos directivos dos pais mostraram reduzir a motivação intrínseca – saber, a motivação intrínseca pela prática e a motivação extrínseca – introjectada, e aumentar a amotivação dos jovens desportistas.

Abstract

The parental involvement in sport is crucial in the process of sports training of young athletes and, because there are few instruments for assessing this issue, the adaptation and validation of the Parental Involvement Sport Questionnaire (PISQ) for the Portuguese language, it became essential to bridge this gap. Thus, this study aims to achieve two main objectives: a) translate and adapt the PISQ to the Portuguese language of Brazil and thus begin the process of validation of that instrument, b) analyze the relationship between the perception of young people about the involvement parental in their practice of swimming, and the motivation of these young swimmers. A total of 114 swimmers participated in this study, aged between 12 and 20 years [$M = 14.67$, $SD = 8.29$], we used to measure the Portuguese version of PISQ and the Sport Motivation Scale (SMS). As main results, the Portuguese version of PISQ showed a Cronbach's Alpha of 0,62, directive behaviors of the parents shown to reduce intrinsic and extrinsic motivation, and increase the amotivation of the young athletes.

Abreviaturas e símbolos

URSS: União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

PISQ: Parental Involvement Sport Questionnaire

SCIELO: Scientific Electronic Library Online

B-ON: Biblioteca do Conhecimento Online

SCQ: Sport Commitment Questionnaire

APA: American Psychological Association

CBD: Confederação Brasileira de Desportos

SESC: Serviço Social do Comércio

AMS: Academic Motivation Scale

SMS: Sport Motivation Scale

M: Média

DP: Duplo Produto

PISQp: Versão portuguesa do PISQ

N: Número

α : Alpha de Cronbach

Índice Geral

○ Introdução	11
○ Capítulo 1 – A modalidade natação	15
1.1 – A natação no Brasil	16
○ Capítulo 2 – A envolvente social do jovem desportista	18
2.1 - Os dirigentes e empresários desportistas	20
2.2 - O treinador desportivo	22
2.3 - A participação de pais e mães no desporto dos jovens	26
○ Capítulo 3 – Motivação	36
3.1 – Teoria da Auto-Determinação	40
3.2 – Modelo Hierárquico de Motivação	45
○ Capítulo 4 – Método	46
4.1 - Participantes	47
4.2 - Instrumentos	47
4.3 - Procedimento	49
4.3.1 A tradução do PISQ	49
4.3.2 Adaptação do SMS	50
4.3.3 Administração dos questionários	51
4.4 - Análise de dados	52
○ Capítulo 5 – Apresentação dos resultados	53
5.1 – PISQp	54
5.2 – SMS	61
5.3 – Correlação entre o envolvimento parental e motivação	67
○ Capítulo 6 – Discussão dos resultados	69
○ Capítulo 7 – Conclusões	74
7.1 - Limitações do presente estudo	75
7.2 - Investigações Futuras	76
7.3 - Considerações Finais	76

○ Referências Bibliográficas	77
○ Anexos	i
Anexo 1: Descrição dos participantes	i
Anexo 2: E-mail de autorização do Dr. Martin Lee	ii
Anexo 3: PISQp	iii
Anexo 4: SMS (Versão Adaptada ao idioma Português do Brasil)	v
Anexo 5: Protocolo de Administração dos questionários	vii
Anexo 6: Alpha de Crombach do SMS com 3 factores	viii

Índice de Tabelas

Tabela 1: Motivação para praticar desporto como resultado de interação entre factores pessoais e situacionais (Weinberg & Gould, 1999)	38
Tabela 2: Modelo de necessidade para o rendimento adaptado de Atkinson (1974) e Clelland (1961), in Weinberg & Gould (1999)	39
Tabela 3: Descrição dos factores do PISQp	54
Tabela 4: Avaliação do efeito chão e tecto no PISQp	55
Tabela 5: Coeficiente Alpha de Crombach do PISQp.....	57
Tabela 6: Análise Factorial: questões presentes nos factores: critério de rotação varimax	58
Tabela 7: Estudo do PISQ em relação as variáveis sócio-demográficas	60
Tabela 8: Descrição dos factores do SMS	61
Tabela 9: Avaliação do efeito chão e tecto no SMS	62
Tabela 10: Coeficiente Alpha de Crombach do SMS	63
Tabela 11: Estudo do SMS em relação as variáveis sócio-demográficas (Parte I)	65
Tabela 11: Estudo do SMS em relação as variáveis sócio-demográficas (Parte II)	66
Tabela 12: Coeficiente de Correlação de Spearman (r) entre os domínios PISQ e SMS	67
Tabela 13: Coeficiente de Correlação de Spearman (r) entre idade e factores	68

Introdução

Durante a segunda metade do século XX e o início do século XXI, muitos profissionais ligados ao desporto, sejam eles pertencentes a sistemas públicos ou privados, se empenharam em construir modelos para a detecção e formação de talentos. Historicamente temos o exemplo da ex-URSS, que possuía centros de desenvolvimento desportivo de alto rendimento, os Estados Unidos da América que a muito tempo possui grandes investidores no desporto de formação, e a China, que se tornou a mais nova potência desportiva mundial, consolidando-se após os Jogos Olímpicos de Beijin.

De todas as possíveis variáveis para justificar o grande interesse e investimentos no desporto, destacamos duas: a económica, movida pelos empresários; e a tecnicista, desenvolvida por académicos e profissionais da área do desporto. Todo o investimento e estudos têm o objectivo de tornar o processo de formação de jovens desportistas mais adequado às necessidades dos jovens.

Viseu (2001), ressalta que os maiores fluxos financeiros no desporto são movidos por pessoas comuns, que consomem produtos e serviços ligados à prática desportiva ou à realização de actividades físicas. A imagem de jovens atletas de sucesso ligada a entidades, produtos e serviços é também uma poderosa estratégia comercial, e garante um grande retorno financeiro para empresários e familiares. Todo este apelo e ambiente faz com que as pessoas sejam, muitas vezes, tomadas por um sentimento exagerado de ambição e euforia. Em geral, estamos acostumados a viver num mundo à procura de modelos e métodos para se atingir altas performances, seja na carreira profissional, em um trabalho específico, nos estudos, nas artes e em muitas outras áreas das nossas vidas.

Os indivíduos que alcançam uma posição de destaque, independente da área de actuação, são considerados expoentes pela sociedade, talentos que tornaram-se uma realidade de sucesso. Contudo, é importante pensarmos na diferença entre o conceito “sucesso” e “fama”. Desde o nosso ponto de vista a respeito do processo de formação desportiva, um jovem bem sucedido é aquele que consegue desenvolver sua capacidade física, cognitiva e social, mesmo que nunca se torne um atleta profissional. No desporto, referências como Bloom (1985); Régnier, Salmela e Russel (1993); Malina (1994); Reilly, Williams, Nevill e Franks (2000); Durand-Bush e Salmela (2002); Horta (2003) e Platonov (2004), estudaram o

percurso de diferentes jovens no decorrer das suas vidas. Analisaram o ambiente em que viveram estes desportistas e os factores que contribuíram para que os tornassem bem sucedidos. Demonstraram que a família foi um aspecto considerado determinante neste processo. O grande pioneiro nesse assunto foi Bloom, que em 1985 apresentou um trabalho muito importante sobre desporto, música e ciência. Identificou as fases vivenciadas por um talento desde a infância até o fim de seu desenvolvimento, e nas diferentes fases já destacava a importância dos pais. Outros autores como Côté (1999), Durand-Bush e Salmela (2002), também destacaram que a participação positiva dos pais durante o desenvolvimento é um factor determinante para o sucesso.

Por outro lado, comportamentos inadequados da família podem dificultar o desenvolvimento do jovem. A ambição de estar sempre entre os melhores é um desejo que se apresenta precocemente para muitos destes jovens e, este sentimento pode criar uma expectativa irreal e transformar-se futuramente em um fonte de pressão. Vilani e Samulski (2002), indicam que normalmente é a família que introduz este sentimento no jovem e, uma alta exigência e expectativa de resultados dos pais podem promover um ambiente desfavorável para o seu desenvolvimento.

No ano de 2008, durante um treino de futebol de jovens do Sporting Clube de Portugal, o autor deste estudo testemunhou a situação que o levou a realizar um trabalho de investigação. A situação foi a seguinte: O pai de uma criança de 7 anos estava pressionando-o bastante para que “treinasse melhor”, caso contrário ele estaria fora da escola de futebol. O choro e o desespero da criança em frente de todos levou o autor a indagar sobre os reais objectivos daquele pai para o seu filho.

“Competir, ganhar, vencer a qualquer custo (...), reproduziria exatamente tudo aquilo que os pais querem dos filhos como “atletas”, pois a vida esportiva das crianças, em tudo se associa às influências do ganhar, vencer a qualquer custo...” (Simões, Böhme & Lucato, 1999).

Em resposta às reivindicações de que os pais são uma fonte de pressão sobre os jovens, os autores Martin Lee e Sandra Mclean (1997), estudaram o envolvimento de pais ingleses no desporto dos filhos, mais especificamente na natação. O objectivo deste estudo foi criar um modelo conceitual para conhecer como essa pressão pode ser exercida. Para alcançar este objectivo, os autores desenvolveram um instrumento para avaliar a percepção que os atletas tinham sobre o comportamento dos pais em seu desporto. O questionário foi designado

de *Parental Involvement Sport Questionnaire* (PISQ). Como resultado, os autores destacaram que o mais importante foram os indícios de que, a participação dos pais tornou-se uma fonte de pressão quando estes tentaram tomar o controle da formação e do desempenho do seu/sua filho(a). Os efeitos dessa pressão variaram de acordo com cada jovem, o que enfatizou ainda mais o facto de que pais e treinadores precisavam conhecer e compreender as necessidades individuais daqueles jovens desportistas.

Após uma pesquisa bibliográfica exaustiva entre os meses de novembro de 2009 e fevereiro de 2010, na Revista Portuguesa de Ciências do Desporto (www.fade.up.pt/rpcd/entrada.html) e nas bases de dados SciELO (www.scielo.org), B-ON (www.b-on.pt/), e a Google Academics (www.scholar.google.com), encontramos alguns trabalhos sobre o envolvimento parental no desporto, como o estudo de Silva (2006) e Gomes e Zão (2007) em Portugal e, o estudo de Simões et al. (1999) no Brasil. Foi observado que a existência de estudos publicados em países de língua portuguesa que utilizem o PISQ é, até à data, desconhecida.

Ullrich-French e Smith (2006) destacam a dificuldade de existirem poucos instrumentos de avaliação centrados nos comportamentos parentais, tanto ao nível nacional como internacional. Assim, a adaptação do PISQ ao Português tornou-se uma necessidade para colmatar a lacuna de investigação nesta área. Fonseca e Brito (2005) destacam que a adaptação e validação de questionários em outros idiomas e culturas é extremamente importante, para o desenvolvimento geral do conhecimento científico e da melhor aplicação prática desses conhecimentos.

Desta forma, o presente estudo pretende alcançar dois objectivos principais: a) traduzir e adaptar o PISQ ao Português do Brasil e, deste modo, iniciar o processo de validação ao idioma Português do referido instrumento; b) analisar a relação entre a percepção dos jovens sobre o envolvimento parental na sua prática de natação e, a motivação destes jovens nadadores.

Fredricks e Eccles (2005), ao dizer que apesar de existirem fundamentos para a aceitação da hipótese de ligação entre a valorização que os pais fazem da actividade desportiva e as atitudes que os filhos desenvolvem acerca do desporto, são necessários mais estudos que tornem mais clara a natureza desta relação, e o verdadeiro impacto dos pais sobre os sentimentos de competência e sistema de valores dos filhos.

A revisão bibliográfica deste estudo está apresentada nos três primeiros capítulos, o primeiro refere-se à natação, suas principais características e situação actual no Brasil. No

segundo capítulo, abordamos a envolvente social sobre o tema, com os principais agentes participantes do desporto infanto-juvenil, especialmente os pais. Por último, apresentamos a motivação, suas formas, implicações e as duas teorias predominantes na literatura actual, que nas quais se baseia o presente estudo e que são a base dos instrumentos utilizados: a teoria da autodeterminação (Deci & Ryan, 1985; Ryan, Connell & Deci, 1985) e o modelo hierárquico de Vallerand (1997, 2001, 2007).

Capítulo 1 – A modalidade de natação

O objectivo deste capítulo é apresentar de forma sucinta as principais características do desporto natação, e descrever sua origem no Brasil e esplanar qual é o cenário actual desta modalidade.

De acordo com a Federação Internacional de Natação (FINA), podemos observar 3 tipos de provas na natação: as de velocidade que são caracterizadas pelas provas de 50, 100 metros de distância; as provas intermediárias que se consistem por 200 e 400 metros e as provas de resistência caracterizam-se pelos 800 (só para as mulheres), e 1500 metros (só para os homens). Nos Jogos Olímpicos, um total de 32 provas são disputadas (16 masculinas e 16 femininas), em quatro estilos: Livre (geralmente crol), o nado costas, bruços e mariposa. Há também as estafetas e as provas em que se utilizam os 4 estilos de nado juntos.

Nos Jogos Olímpicos, as provas são disputadas em piscinas de 50 metros de comprimento por 3 metros de profundidade, em outras competições pode-se utilizar uma piscina curta, de 25 metros de comprimento. A água tem uma temperatura média entre 25° C e 27° C.

Os árbitros verificam se os estilos são respeitados, se as viragens são executadas segundo o regulamento e também contam o número de piscinas realizadas (distância total). Qualquer irregularidade pode desclassificar o nadador. Na maioria das competições o controlo do tempo é feito eletronicamente, com precisão de centésimos de segundo. Para identificar o fim de cada prova são colocados sensores na parte interna da piscina, sensíveis ao toque dos atletas.

1.1 - A Natação no Brasil

Com o objectivo de conhecer mais sobre a história da natação brasileira, encontramos o livro de Marinho (1952), ele acredita que desde o século XVI os índios já utilizavam a natação para sua sobrevivência. Convencionalmente, a natação iniciou suas actividades a partir dos clubes de remo, situados no litoral brasileiro (Rio de Janeiro), há registos destes clubes por volta dos anos de 1880.

De acordo com a Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos (1988), a primeira prova de natação brasileira está registada no ano de 1898, organizada pelo Clube Regatas Flamengo, com a prova de 1.500 metros, esta competição realizou-se anualmente até o ano de

1912, a partir desta data outros clubes do litoral organizaram competições e incluíram as provas de velocidade. A partir do ano de 1916, a natação foi patrocinada pela CBD (Confederação Brasileira de Desportos)¹, que criou o Campeonato Brasileiro de Natação, mas somente a partir do ano de 1928 é que contaram com as 6 provas olímpicas do momento. A partir de então, outros clubes apareceram, inclusive em outros estados brasileiros e a natação continuou a crescer exponencialmente pelo país.

Atualmente, segundo Da Costa (2006), estima-se que a natação seja o quarto desporto mais praticado no Brasil, com aproximadamente 63 mil atletas registados no país, com 11 milhões de praticantes ocasionais, 1.480 piscinas de competição, 8.380 piscinas não residenciais, 1,3 milhões de piscinas residenciais, um cenário que gera 46 mil empregos directos e indirectos.

O SESC-SP/ DATAFOLHA (2003), divulgou que entre a população que pratica actividade desportiva regularmente (3 ou mais vezes na semana), no Estado de São Paulo, 34% preferem a natação, enquanto 23% disseram preferir o futebol.

O nadador brasileiro normalmente começa sua trajectória na natação ainda quando criança, por volta dos 3 a 4 anos de idade, em escolas de natação. Dependendo do seu desempenho, pode começar a frequentar a equipa desportiva do seu clube ou cidade, e participar de algumas competições. No Brasil, podemos destacar 4 tipos de competição: as municipais, onde só participam as equipas da cidade; as regionais, com equipas das cidades de uma determinada região; as estaduais, onde todas as principais equipas de um estado participam, por exemplo, equipas do estado de São Paulo²; As competições nacionais, onde as principais equipas do país estão presentes e, por fim, as Internacionais, com equipas de vários países.

Agora que apresentamos o cenário desportivo brasileiro da natação, iniciaremos a revisão bibliográfica do presente trabalho.

¹ A Confederação Brasileira de Desportos foi fundada em dezembro do ano de 1916, coordenou todas as decisões desportivas no Brasil até o ano de 1979, quando foi dividida em várias confederações, uma para cada desporto (Capinussú, 1992).

² Devido a grande extensão territorial, o Brasil está dividido hoje em 26 estados, mais o distrito Federal que é a capital do país.

Capítulo 2 – A envolvente social do jovem desportista

“Toda prática esportiva oferecida às crianças e adolescentes é permeada por ações adultas – dos pais, dos dirigentes, dos professores, dos técnicos, dos árbitros, todos interferem de alguma forma nas experiências esportivas de seus praticantes” (Korsakas, 2002).

O desporto infanto-juvenil tem de ser discutido como um modelo social, que contribui para a formação de jovens como seres humanos, o desporto constrói e desenvolve a sua personalidade.

O desporto põe o jovem diante de várias situações que serão úteis em sua vida, como o respeito às regras do jogo disputado e à autoridade dos árbitros, atitudes de cooperação com a equipa, de competição, comportamentos solidários, etc.. Essas situações devem ser geridas pelos adultos, como a família, o treinador e os professores, que interagem com os jovens, auxiliando-os a perceberem determinadas situações e potencializar atitudes positivas. Em suas considerações sobre o desporto na escola, Simões et al. (1999), destacaram a importância de se observar a relação e o equilíbrio entre a família, a escola e a prática desportiva. Salmela e Moraes (2003), reforçaram o importante papel que pais e treinadores representam nos jovens desportistas, ao longo dos diferentes estádios de desenvolvimento.

Brustad (1993), alertou para um dos pontos fracos de todo esse sistema, que se encontra na organização dos eventos desportivos. Estes eventos são geralmente liderados por adultos que não pertencem à área de educação. Este facto faz com que os objectivos principais de determinados eventos atendam mais aos interesses dos adultos envolvidos, do que dos próprios jovens participantes. Cruz (1996), refere-se também a outro facto, referindo que o desporto de jovens sempre “imita” o desporto de alto rendimento. Pelo que, pode não atender ao seu principal objectivo desportivo que é a formação destes novos atletas.

Qualquer que seja o papel do adulto na vida de um jovem, é importante que ele conheça cada fase do desenvolvimento e as suas necessidades, para que contribua para o seu processo de crescimento. Durand-Bush e Salmela (2002), apresentaram quatro fases de desenvolvimento de um jovem desportista até a vida adulta: a Iniciação, a especialização, o aperfeiçoamento e a manutenção. Na fase de iniciação existe a necessidade de fazer com que os jovens sejam estimulados por actividades motoras diversificadas. Lanaro Filho e Böhme (2001), destacaram a necessidade de levar o maior número de jovens possíveis à prática desportiva, fazer com que experimentem actividades motoras caracterizadas por diversas

modalidades. Desde modo, através das actividades vivenciadas, das habilidades adquiridas e de métodos correctos de ensino-aprendizagem, realizar um processo de detecção de talentos específico para as modalidades desportivas, fazendo-as iniciar a segunda fase: a especialização, que é a preparação específica para uma determinada modalidade, por exemplo, um jovem que escolhe o futebol seguirá os treinos apenas do futebol, desenvolvendo seus fundamentos técnicos e táticos.

A terceira fase, designada de aperfeiçoamento, é um período de grande envolvimento com o desporto, com rotinas de treino e competições. A última fase, a manutenção, ocorre durante a vida adulta de um atleta. Assim como Bloom (1985), Durand-Bush e Salmela (2002), acreditam que somente alguns atletas vivenciam esta etapa de manutenção.

Com base nessas etapas de desenvolvimento, os autores Salmela, Young e Kallio (2000), alertam que os períodos de transição são os mais críticos, onde o jovem desportista depende muito da sua envolvente, como seja o apoio dos pais e do treinador.

A transição é o período em que o atleta se adapta a uma nova realidade de treino, aumentando o compromisso com o desporto praticado. Este período pode resultar na dispersão do atleta e levá-lo a interessar-se por outras actividades sociais. A falta de apoio da família, do treinador, da comunidade e dos amigos podem contribuir para a desistência da prática. Para Reilly et al. (2000), a falta de apoio familiar e outras situações sociais e culturais podem dificultar a programação e o trabalho dos treinadores.

No seguinte capítulo, apresentamos alguns agentes que estão em contacto com os jovens desportistas e influenciam a sua experiência desportiva. Iniciamos o próximo capítulo pelos agentes em que o contacto com os desportistas não é permanente e directo.

2.1 Os dirigentes e empresários desportivos

Como já dito no início deste capítulo, o modelo de formação desportiva actual foi construído por adultos, estruturado, na maioria dos casos para gerar capital. Esta complexa relação entre as instituições, jovens e adultos, sejam eles pais ou profissionais envolvidos, mostra o “poder” desta liderança na busca de um único objectivo, detectar o mais precoce talento e lucrar financeiramente pelo maior tempo possível.

Horta (2003), em sua dissertação de doutoramento sobre a seleção de talentos no futebol, destacou as lideranças envolvidas no desporto de formação e a forma como o modelo

actual as favorece mais do que aos jovens desportistas. O autor designou este facto como “uma inversão no processo de seleção”:

“...Os factores económicos envolvidos, as pressões dos pais, dos dirigentes, dos políticos, dos patrocinadores, dos próprios treinadores e a cada vez maior competitividade exigida em termos internacionais aos jovens futebolistas, através da realização de Campeonatos Continentais e Mundiais para grupos etários com menos de 18 anos, faz com que estejamos a criar uma inversão no processo de seleção de talentos no futebol” (Horta, 2003).

Geralmente, a escola e os clubes são os pilares que sustentam a iniciação desportiva dos jovens. Peres e Lovisolo (2006), ao estudar a teoria e visões de atletas de alto rendimento sobre a formação desportiva no Brasil, destacaram a importância da escola como forma de vivenciar vários desportos. Os atletas participantes do estudo, acreditam que as condições nas escolas brasileiras geralmente são deficientes e a carga horária da educação física é baixa, nos clubes desportivos é que vêm o maior número de jovens, mas já em processo de especialização.

“Na prática, a força do binómio escola-clubes ainda é notadamente importante no processo tradicional de formação de atletas no Brasil. O agente que assiste a esse binómio é o professor de educação física, identificado pelos atletas do estudo como um dos principais co-autores nas “primeiras letras” no esporte e condutor na transição do estágio de iniciação ao estágio de aperfeiçoamento” (Peres & Lovisolo, 2006).

Na busca por um modelo ideal de detecção, seleção e formação de jovens no desporto, com objectivos pedagógicos e sociais, encontramos o trabalho de Sandoval (1996), que propõe um sistema que deve ser seguido desde a detecção até o alto rendimento pelos dirigentes, treinadores e outros adultos envolvidos no processo:

- Ser multidisciplinar, alicerçado em bases científicas sólidas, objectivo, económico, fácil de realizar e do agrado dos agentes desportivos e da modalidade em causa.
- Ter uma aplicação longitudinal, num período mínimo de 4 anos, coincidente com um ciclo Olímpico, e em diferentes níveis e categorias de todo território nacional.
- Permitir uma avaliação contínua do jovem atleta no decurso dos diversos níveis de formação, devendo ser realizados registos de todas as avaliações.

- Avaliar a maturidade biológica do jovem atleta para adaptar o planeamento de treino ao estágio de maturidade, e para interpretar a influência desta variável na predição do rendimento desportivo.
- Permitir que o planeamento de treino abranja todas as capacidades condicionais, coordenativas, técnicas e psicológicas necessárias à formação desportiva do jovem atleta, não abusando do trabalho de intensidade e volume, como acontece com alguns treinadores que buscam o êxito imediato, não respeitando assim os períodos de crescimento e desenvolvimento em que se encontra o jovem.
- Impedir que o bem estar físico, psíquico e social do jovem atleta seja posto em causa, permitir uma adequada nutrição, tempos de lazer e de recuperação e uma integração do sistema com as actividades escolares e sociais.

Mais do que uma equipa multidisciplinar, este modelo exige bom-senso dos líderes que regem a formação desportiva, ao tratar os jovens como seres humanos que são. “Revelar atletas tem maior repercussão na sociedade do que discutir a orientação educativa e participativa dos adultos na vida esportiva do indivíduo em idade escolar...” (Simões et al., 1999).

2.2 O treinador desportivo

“Ponto fundamental em todo o processo de formação é o papel do treinador, pois interfere tanto pela intervenção técnica quanto pelos aspectos sociais e afetivos (...) A relação entre os dois é ponto capital para o desenvolvimento do atleta de elite em todas as fases, mesmo que os termos dessa relação se modifiquem, como a mudança das exigências da figura de um treinador líder e companheiro para a figura do treinador com qualificação de excelência” (Durant-Bush & Salmela, 2002).

O comportamento de treinadores e a forma como eles se relacionam com seus atletas tem vindo a ser objeto de estudo de diferentes trabalhos, como seja o de Ames (1992), Serpa (1995), Smith, Smoll e Barnett (1995), Cruz (1996), Brito (2001), Sousa (2008), entre outros. Definir o perfil ideal de um treinador requer considerar inúmeras variáveis, como as características do desporto praticado, o estilo de comunicação do treinador e o clima motivacional induzido por ele.

De Marco e Junqueira (1995), em um estudo com 60 jovens de ambos os gêneros, na faixa etária de 7 a 13 anos e praticantes de Ginástica Artística, demonstraram que os atletas de 8 e 9 anos são mais sensíveis a aplicação de condutas punitivas pelo treinador. Os atletas entre 10 e 12 anos são mais sensíveis aos comportamentos estimulantes, e os atletas entre 13 e 15 anos valorizam mais as instruções simultâneas às repreensões. Ainda segundo estes autores, os treinadores mais populares e valorizados pelos atletas são aqueles que sabem trocar a punição pelo estímulo, e a repreensão verbal com instrução técnica.

Os autores Janssen e Dale (2002), no livro *The seven secrets of successful coaches*, reforçam a idéia de que o estilo ideal de comunicação deve estar baseado no apoio e na instrução. Afirmam também que os treinadores de maior popularidade são aqueles que aplicam baixa quantia de punições e geram maior clima de envolvimento com a tarefa, este conceito de envolvimento com a tarefa está directamente relacionado com o clima motivacional, de Ames (1992), este estudo levou a uma análise das maneiras pelas quais professores e treinadores podem enfatizar metas de realização.

O clima motivacional (Ames, 1992), é o ambiente criado pelo treinador e a forma como ele o transmite em diversas situações de interação com os seus atletas, este clima pode estar mais orientado ao ego ou à tarefa. Um exemplo de orientação ao ego é quando inclui tarefas de competição entre os atletas, favorecendo os mais habilidosos, quando orientado à tarefa, enfatiza metas pessoais, preocupa-se com o progresso individual do atleta, independente do resultado final.

Os autores Reilly, Bangsbo & Franks, (2000), afirmam que o treinador deve dirigir a sua intervenção no sentido de valorizar o objectivo domínio da tarefa, pois é importante que o atleta sintam-se realizado pelo seu progresso individual ao executar determinadas tarefas. Enquanto que a orientação ao ego tem mais probabilidades de gerar sentimentos de frustração, uma vez que o facto de perder ou ganhar não depende apenas das capacidades do atleta.

O autor Gorbunov (1988), enumerou alguns aspectos que facilitam a orientação da motivação para a tarefa. Apesar da orientação da motivação poder ser realizada por qualquer agente do convívio social do atleta, pode-se observar que muitas dessas acções são dependentes do estilo de comunicação do treinador e do clima motivacional criado por ele, facto que reforça ainda mais a importância desempenhada por este profissional.

Os aspectos mencionados por Gorbunov são os seguintes:

- Diário individual do atleta: O atleta deve registar de forma sistemática o desenvolvimento de suas habilidades e capacidades. Desta forma, ele poderá

observar seus avanços em relação ao desporto que pratica e, identificar-se de forma consciente com o planeamento.

- **Fixação de metas de rendimento:** O treinador seleciona em seu planeamento as tarefas que podem ser quantificadas, expõe no início do treino as metas de rendimento individual do atleta ou dos membros da equipa (pode ser um tempo na prova de natação, a distância ou altura do salto no atletismo, % de eficiência em determinadas acções como saque por zona no voleibol, etc.). No final, recolhem-se os resultados obtidos e se comparam com as metas fixadas.
- **Objectivação gradual da vitória:** Está vinculada à tarefa anterior, consiste em incorporar progressivamente os resultados que os atletas vão obtendo no cumprimento de sua tarefa.
- **Alegria nos treinos:** O treinador deverá fazer com que seus atletas, estejam diariamente no treino com o desejo de experimentar vivências positivas. É muito importante a forma com que o treinador recebe e cumprimenta seus atletas, e a forma como os orienta para a realização das tarefas.
- **Objectivos dos treinos e competições:** O atleta deverá estar consciente do objectivo de um simples treino, de uma série de jogos ou provas e, de toda a época. Desta forma, o mesmo estará orientado sobre porque deve ficar alegre ao enfrentar os esforços da preparação física, a constante repetição dos treinos técnicos ou tácticos. O atleta deverá estar convencido de que todo o planeamento feito pelo treinador o conduzirá a obter uma boa forma desportiva ao finalizar a etapa.
- **Correlação entre estimulação e punição:** Todo atleta deve compreender que uma acção imprópria poderá ser punida pelo treinador, por outro lado deve saber que sempre será estimulado à sua dedicação e às tarefas que realiza.
- **Participação activa na aprovação das decisões coletivas:** O atleta deve participar na aprovação dos diferentes planos de treino, e deverá perceber o porquê das longas jornadas de treino. Desta forma, irá aderir à tarefa com dinamismo e aumentará seu sentimento de pertencimento à equipa.
- **Aproveitar a influência dos “famosos”:** As conversas com atletas e treinadores de reconhecido prestígio nacional e internacional, podem deixar a equipa motivada a seguir o caminho que estes anteriormente transitaram. Escutar, na própria voz de um campeão, as dificuldades que ele enfrentou após as lesões, a vontade que ele teve para vencer os obstáculos, suas primeiras medalhas e conquistas, o que o

estimula a continuar, entre outras situações, é o exemplo de que as metas podem ser alcançadas.

Os aspectos sugeridos por Gorbunov (1988) podem auxiliar o treinador a transmitir metas individuais para os atletas e facilitar a visualização e controlo sobre seus progressos individuais e, desta forma, aumentar a motivação dos atletas.

Torregrosa, Sousa, Viladrich, Villamarín e Cruz (2008), observaram que o estilo de comunicação do treinador e o clima motivacional induzido por ele, determinaram significativamente a diversão e o compromisso dos atletas (Diversão é o prazer sentido por praticar determinada actividade - compromisso, é a forma, pública ou não, de se assumir uma obrigação com alguém ou algum objetivo). Os autores estudaram 415 jovens futebolistas, com idade compreendida entre os 14 e 16 anos, em Espanha.

O estudo de Silva (2006) em Portugal, com jovens praticantes de futebol e natação, revela um dado muito significativo, que permitiu estabelecer uma relação positiva entre o suporte que os atletas percebem, principalmente por parte dos pais, e uma maior orientação para a tarefa e satisfação desportiva.

Além da comunicação e do clima motivacional, é importante que o treinador execute um bom planeamento de treino, que estabeleça metas realistas possíveis de serem alcançadas, e ao mesmo tempo desafiantes. Os atletas devem participar desse planeamento, conhecerem os objectivos de cada período de treino para que sintam-se sempre motivados e implicados.

Cárdenas (2006) afirma que além dos objectivos de cada tarefa, o treinador deve estabelecer metas a curto, médio e longo prazo: a curto prazo deve-se perguntar o que é mais necessário de imediato para aquele atleta ou grupo, a médio, pensar na modalidade em causa, em como conseguir um determinado comportamento dos atletas no jogo ou prova e, a longo prazo, pensar no que espera para a época. Estabelecer essas metas não é uma tarefa fácil, a dificuldade normalmente está em identificar os objectivos de cada fase, estabelecer a quantidade ideal de objectivos para aquele período, estabelecer objectivos reais e não reconhecer as diferenças individuais de seus atletas. Apesar da importância de todo o planeamento, Smith & Bar-Eli (2007), ao tratar do papel dos treinadores, dizem que muitas vezes a capacidade de lidar com pessoas é mais importante do que o conhecimento técnico de um desporto, esse facto é que pode distinguir um ótimo treinador de outro médio.

Smith et al. (1995), realizaram um estudo que tinha como objectivo avaliar a eficácia de um programa de intervenção para treinadores para reduzir a ansiedade de jovens atletas,

para isso dividiram 152 jovens atletas de *baseboll* em dois grupos, um com cada grupo de treinadores. Um grupo de treinadores participou no programa de intervenção – *Coach Effectiveness Training* (CET) e outro grupo de treinadores – Grupo de controlo – não recebeu a referida formação. Como resultado, os jovens orientados pelos treinadores do grupo experimental manifestaram maior diversão e suas equipas apresentaram um maior nível de atracção entre os jogadores, além dos níveis de ansiedade destes jovens atletas, que foram reduzidos significativamente. Contudo, este facto não diferenciou os grupos em relação ao número de vitórias e derrotas das equipas.

Os autores Martens (1996) e Smith & Smoll (1996), ao tratar da formação de jovens atletas, sugerem aos treinadores que o objectivo geral da formação desportiva deve ser o de valorizar os aspectos lúdicos e o bem-estar físico dos jovens, para além do desenvolvimento físico e aprendizagem das competências específicas de cada modalidade.

2.3 A participação de pais e mães no desporto dos jovens

Ao revisar este tema, podemos observar algum consenso no que se refere a participação de pais e mães no desporto dos filhos, podem apresentar-se como uma fonte de apoio mas também de pressão, este facto varia de acordo com os diferentes tipos de participação dos pais.

O PISQ (Lee & Mclean, 1997), utilizado neste estudo, avalia a participação dos pais na actividade dos filhos através de 3 factores: factor I, o comportamento directivo, que é indicado na medida em que os pais controlam o comportamento de seus filhos no desporto; factor II, elogios e compreensão, mede o apoio dos pais e a empatia demonstrada para com seus filhos; factor III, envolvimento activo, indicado na medida em que os pais participam activamente no clube desportivo.

Torregrosa et al. (2007), utilizaram o PISQ e o *Sport Commitment Questionnaire* (SCQ), com o objectivo de verificar a influência de pais e mães no compromisso desportivo de jovens futebolistas em Espanha. Os autores verificaram que a percepção do comportamento familiar pelos jogadores determinou significativamente os seus compromissos com o futebol, os jogadores que percepcionavam um maior apoio e compreensão por parte dos seus pais, encontravam-se mais comprometidos com o futebol. Também verificou-se que quanto maior o comportamento directivo dos pais, menor se apresentou o compromisso dos

atletas. Contudo, o envolvimento activo dos pais nas actividades não mostrou-se correlacionado com o compromisso dos futebolistas.

Gomes (2007), analisou em Portugal a relação entre a influência parental e a motivação no desporto através de dois instrumentos (Um para os pais e outro para os atletas). Participaram neste estudo 321 atletas de vários desportos e 291 pais dos respectivos atletas participantes. Os resultados obtidos segundo a percepção dos atletas evidenciaram um maior apoio parental nas modalidades individuais, maior apoio e influência técnica e menos reacções negativas por parte dos pais nos escalões iniciais de formação, e maior apoio parental nos atletas sem reprovações escolares. O resultado obtido através da própria percepção dos pais a respeito do seu comportamento no desporto do(s) seu(s)/sua(s) filho(s)/filha(s), demonstrou um padrão semelhante de resultados em cada escalão de formação. Este estudo revelou que os pais do género masculino demonstraram maiores níveis de apoio e influência técnica, já os pais das modalidades individuais assumiram maior apoio e orientação motivacional para a recreação, com menos reacções negativas. Por último, os pais com menor formação escolar evidenciaram menor apoio e influência técnica, com maior orientação para os resultados e reacções negativas.

No Brasil, Simões et al. (1999), estudaram a opinião de 235 jovens atletas de género masculino e feminino com idades compreendidas entre 12 e 14 anos, o objectivo foi avaliar a participação e os comportamentos de pai e mãe na vida escolar de seus filhos. Observaram relações estatisticamente significativas entre o nível de exigência do pai com o filho de género masculino, os resultados indicaram maior exigência do pai para os rapazes praticarem desporto e tornarem-se bons atletas.

“Todos esses estudos demonstram o papel crucial dos pais, especialmente durante os anos iniciais de experimentação e nos anos de especialização dos atletas. Eles afirmam que quando os atletas recebem um apoio apropriado dos pais, há o enriquecimento da participação dos mesmos possibilitando grandes experiências e permanência no esporte” (Moraes, Rabelo & Salmela, 2004).

Para Moraes et al. (2004), o trabalho de Bloom (1985) foi um marco no desenvolvimento dos jovens, pois além de identificar as fases vividas por um jovem talento, determinou a importância da participação dos pais durante o desenvolvimento do filho. De acordo com as fases de desenvolvimento, afirmam que nos anos iniciais, os pais são os exemplos para a iniciação, criam situações de interesse e estimulam os filhos a participarem

das actividades desportivas, fornecem recursos, materiais e, depois de ensinar as primeiras habilidades, proporcionam o acesso aos professores. Moraes et al. (2004) também destacam o trabalho de Côté (1999), que ao estudar jovens remadores definiu os padrões da dinâmica da família para o desenvolvimento dos mesmos. Côté (1999) apresentou três estádios de participação no desporto, muito semelhantes aos mencionados no estudo de Bloom (1985):

- Anos de experimentação: Dos 6 aos 13 anos, os pais introduzem os filhos no desporto com ênfase no divertimento, euforia e possibilidade de vivências variadas;
- Anos de especialização: Dos 13 aos 15 anos, marcados pelo crescente interesse e comprometimento, onde pais enfatizam a produção na escola e no desporto, e investem tempo e dinheiro. Os irmãos mais velhos são vistos como exemplos.
- Anos de investimento: Dos 15 anos em diante, o aumento do compromisso dos filhos e pais demonstram grande interesse e suporte, para superar as dificuldades da progressão do treino.

Com o passar do tempo e o aumento do compromisso de pais e filhos com o desporto praticado, torna-se fundamental o apoio emocional, financeiro e logístico da família.

Van Yperen (1998), apresentou um estudo muito interessante sobre o relacionamento de um grupo de jovens jogadores de futebol altamente competentes, estes estavam diante da possibilidade de serem dispensados do clube ao fim da época. Estes jovens futebolistas só apresentaram problemas com a queda de níveis de performance, quando não receberam suporte apropriado dos pais.

Um aspecto interessante e controverso foi destacado no trabalho de Salmela e Moraes (2003), os autores verificaram que os estádios de desenvolvimento dos atletas brasileiros de classe média económica são semelhantes aos modelos de desenvolvimento na América do Norte e Europa, e ressaltam a importância do apoio de pais para o desenvolvimento integral dos filhos. Um ano mais tarde, Moraes et al. (2004), ao tratar do papel dos pais no desenvolvimento dos filhos futebolistas de classe baixa económica, perceberam que a relativa falta de apoio dos pais não impediram os jovens estudados de atingirem o sucesso. Os autores ressaltaram essa questão nas considerações finais do estudo: “Esses resultados indicam a necessidade de precauções quando se considerar paradigmas de primeiro mundo em outras culturas na qual exista restrição contextual”. Yang, Telema e Laakso (1996), referiram que a situação sócio-económica das famílias não determina a orientação e o sucesso dos atletas no desporto.

Os pais exercem uma grande influência nas actividades dos filhos, seu apoio para o alcance dos objectivos propostos e de grandes resultados na carreira são essenciais, mas muitas vezes a definição dos objectivos estão relacionados às crenças e percepções de sucesso que eles (os pais) tiveram no passado, quando praticaram o mesmo desporto ou foram ex-atletas a nível competitivo. Carr, Weigand e Jones (2000), sugerem que os pais influenciam os filhos quando expõem as razões que levam ao sucesso e como devem agir para alcançar tais objectivos.

Lee e Mclean (1997), afirmaram que os pais podem projectar suas ambições pessoais nos filhos, realizações que eles próprios não foram capazes de alcançar. Evidências dessa projecção e influência podem ser encontradas em relatos de jovens que visam obter um patrocínio antes de iniciar uma carreira profissional, nesses casos a criança pode se tornar um activo potencial para a renda familiar.

Barbanti (1989), demonstrou no contexto desportivo, que os rapazes são mais influenciados pelos amigos do que as raparigas, elas são mais influenciadas pelo pai e a mãe. Destacou uma leve tendência deles exigirem mais das filhas do que dos filhos.

Carlsson (1993), em um estudo com jovens atletas de sucesso em diversos desportos, verificou que a iniciação no desporto foi determinado pelos interesses dos pais e dos amigos, geralmente quando tinham entre 7 e 9 anos.

No trabalho de Lee e Mclean (1997), verificaram que 26% dos filhos nadadores identificaram as mães como mais envolvidas nos seus desportos, em 37% dos filhos desportistas, os pais foram descritos como os mais envolvidos e, nos 37% restantes, disseram ser mãe e pai igualmente envolvidos em seus desportos.

Ainda sobre influência de pais e mães, Verardi e De Marco (2008), destacaram os resultados encontrados por Simões et al. (1999), onde mais 60% das respostas dos filhos, de ambos os gêneros, apontaram que o pai os incentivam (animam) muito para a prática desportiva, o mesmo valor foi encontrado nas respostas sobre a mãe. Sobre este aspecto Verardi e De Marco (2008) referem que:

“Os resultados obtidos pelos autores deste estudo diferem de certo modo, dos dados de outras pesquisas as quais sugerem maior envolvimento do pai quando comparado à participação da mãe. Nesta análise, não devem ser desprezados os aspectos culturais que também explicam diferenças de comportamento entre mulheres e homens em relação ao esporte, por conseguinte podemos estender esta análise para as mães e para os pais.”

Em relação ao comportamento dos pais, muitas definições e conceitos podem ser encontrados. Vilani e Samulski (2002), destacam em sua revisão sobre o tema, uma interessante classificação apresentada por Byrne (1993):

- Os desinteressados – são os pais que transferem a responsabilidade de cuidar dos filhos para o treinador. Eles inscrevem os filhos em programas desportivos sem ao menos saber se o jovem gosta da modalidade. Estes jovens são submetidos a situações de *stress*, uma vez que são obrigados a praticar uma modalidade, não têm motivação suficiente para gostar e querer praticar o desporto. Este comportamento pode levar não só ao abandono como intolerância futura à actividade.
- Pais mal informados – são aqueles que permitem a prática desportiva de seus filhos a partir de uma primeira conversa, mas depois não se envolvem no processo de treino e competições. Nestes casos, não parece haver desinteresse por parte dos pais, mas uma incompreensão sobre a importância do seu papel frente à formação desportiva do seu filho.
- Pais vociferantes – este grupo refere-se aos pais que tendem a colaborar sempre com o treinador. Frequentam os treinos, se envolvem no processo de forma adequada. Entretanto, em jogos ou provas mais empolgantes, exaltam-se e dirigem-se aos árbitros de forma ofensiva e prejudicam o ambiente competitivo. Pais nesta categoria não são más pessoas, geralmente não percebem seu comportamento inadequado, e muito menos que estão lhes dando um mal exemplo de conduta social e desportiva, além de todo o constrangimento.
- Pais fanáticos – são os mais problemáticos. Independente de suas experiências no desporto, bem ou mal sucedidas, eles criam um desejo comum, que seus filhos sejam os verdadeiros heróis. Nunca estão satisfeitos com o desempenho e sempre têm sugestões para a melhoria deste. Acabam por interferir em todo o processo de preparação, cobram muito de seus filhos a ponto de gerar grandes pressões e falta de prazer pela prática. Exaltam-se facilmente com a conduta dos árbitros e do próprio treinador, e criam um ambiente hostil e perturbado.

Em uma classificação mais actual, Latorre (2001), definiu as características comportamentais dos pais da seguinte forma:

- Os desinteressados - pais sempre ausentes das competições dos filhos, eles são desinteressados ou julgam ter algum outro compromisso mais importante. Este

comportamento não gera o apoio necessário para o desenvolvimento ideal dos filhos.

- Os pais úteis - incentivam a participação dos filhos nas competições sempre de forma positiva. Este comportamento pode criar grande prazer dos filhos pela actividade, mas também dificultar o estabelecimento de metas reais.
- Os excessivamente críticos - criticam os filhos e nunca estão satisfeitos com seus desempenhos. Esse comportamento directivo gera grande pressão sobre os filhos, atrapalha o desenvolvimento e o prazer pela actividade.
- Os vociferantes - ficam alterados durante as competições, gritam, gesticulam e chegam a ficar agressivos. Além de pressionar os filhos, esse comportamento pode criar um grande constrangimento.
- Os "técnicos" – Consideram-se os donos da equipa, dão instruções aos atletas e, em alguns momentos, passam por cima das instruções do treinador. São os mais problemáticos para os treinadores.
- Os superprotetores – São inseguros ao ver seus filhos em competições, enumeram várias razões para a não participação, que podem ser transmitidas aos filhos. Essa insegurança atrapalha o rendimento desportivo dos filhos, que podem não conseguir adaptarem-se aos estímulos do treino.

Em 1990, o autor Hellstedt descreveu o comportamento dos pais como um “continuum” de fases que vai do subenvolvimento ao superenvolvimento. Caracteriza estes comportamentos como:

- O subenvolvimento - relativa falta de comprometimento emocional, financeiro ou funcional dos pais. Normalmente não comparecem aos jogos e eventos. Se envolvem pouco em actividades como o transporte e o contacto com os treinadores.
- O envolvimento moderado – O ideal, os pais são seguros em suas orientações, dão o suporte financeiro e emocional ajudando seus filhos a estabelecerem metas reais.
- O superenvolvimento – pais que excedem suas participações na vida desportiva dos filhos, não sabem separar seus próprios desejos, fantasias e necessidades da realidade dos seus filhos.

Neste mesmo trabalho, Hellstedt também referiu uma série de informações muito interessantes acerca do tema: verificou que baixos níveis de pressão causam reacções positivas dos filhos; identificou que para os pais, estabelecer o nível ideal de exigência no treino e competições é a principal dificuldade, na relação com os filhos desportistas; destacou o facto dos pais que nunca estão presentes em treinos, mas que assistem as competições ou torneios regularmente, acredita que apenas a sua presença nessas competições/ torneios, independente do comportamento adotado, pode ser interpretada como um factor de pressão para os jovens; verificou ainda que altos níveis de pressão podem ser prejudiciais ao desenvolvimento e a participação.

Machado (1997), concorda com a colocação anterior de Hellstedt (1990), que na relação entre pais e filhos desportistas, o atleta pode sentir-se incomodado com a presença dos pais na bancada. A justificativa para este “incômodo” pode ter origem em alguns factores: atitudes exageradas dos pais na bancada; a relação conturbada entre os pais e os filhos, mesmo que seja por motivos não relacionados ao desporto; algum trauma na infância do jovem que seja projectado nos pais; o silêncio dos pais durante a competição.

Vimos vários perfis comportamentais de pais na opinião de alguns autores, de forma geral, essas classificações são muito parecidas, apenas alguns autores procuram especificar diferentes categorias de comportamento dos pais no desporto, enquanto outros, os classificam de forma mais abrangente. Gomes (2007), apresentou de forma sucinta e interessante a relação de pais e filhos, diz que os pais que têm expectativas mais realistas sobre o rendimento desportivo dos filhos, que encorajam e apoiam o esforço demonstrado pelos seus filhos enquanto atletas, e que raramente respondem com avaliações negativas quando acontecem prestações desportivas menos boas, diminuem a probabilidade de contribuir para problemas de ansiedade nos seus filhos além de, aumentar o prazer e o gozo dos seus filhos pelo facto de praticarem um desporto.

Lee e Mclean (1997), alertam que apesar das boas intenções dos pais, eles não devem transgredir o que Ryan (1995), considera como uma linha muito tênue entre o incentivo e pressão.

Lee e Maclean (1997), citam Scanlan e Lewthwaite (1984) e novamente Ryan (1995), como os autores que identificaram os pais como uma fonte de *stress* para os jovens desportistas, mas admitem que no Reino Unido, poucas pesquisas foram conduzidas até 1997 para testar a hipótese e o mais importante, a natureza da influência dos pais e os seus mecanismos. A pressão é muitas vezes referida como uma qualidade do ambiente, no entanto,

pode ser concebida de forma análoga à concepção de McGrath (1970), do *stress* como um estado emocional que reflete um desequilíbrio entre as demandas situacionais e a capacidade pessoal para responder a essas situações.

Gomes (2007), sugere uma reflexão pessoal para os pais através de algumas questões:

Está capaz de confiar o seu filho ao treinador?

Isto implica em aceitar a autoridade do treinador, aceitar que o seu filho sinta admiração pelo treinador e conversar abertamente com o treinador no caso de discordar dele.

Está capaz de admitir as suas limitações?

Isto implica em aceitar que não sabe tudo e ser capaz de o dizer ao seu filho.

Está capaz de aceitar os triunfos do seu filho?

Isto implica em manifestar de forma clara o apoio ao seu filho quando este sente que ganhou algo, demonstrar agrado pela melhoria das capacidades físicas e técnicas do seu filho e não apenas pelas eventuais vitórias obtidas por ele.

Está capaz de aceitar as frustrações do seu filho?

Isto implica em não sentir-se confundido, envergonhado ou zangado com as derrotas do seu filho, transmitir ao seu filho que, quer ele perca ou ganhe, continua a gostar dele e não está desiludido com ele devido aos seus resultados desportivos.

Está capaz de demonstrar autocontrolo ao seu filho?

Isto implica em calma e ponderação na forma como se relaciona com o seu filho, e não se descontrolar emocionalmente nas competições (ex. gritar com os atletas, treinador ou dirigentes).

Está capaz de dedicar algum tempo ao seu filho?

Isto implica em questionar e demonstrar interesse pelas actividades que o seu filho desenvolve no clube, presenciar, pelo menos de vez em quando, os treinos do seu filho.

Está capaz de aceitar as decisões dos seus filhos?

Isto implica em abrir uma discussão das ideias e propostas apresentadas pelo seu filho.

Vários treinadores defendem a ideia que, algumas vezes, o envolvimento da família prejudica o rendimento dos filhos no desporto, eles preferem que os jovens participem dos treinos e competições sozinhos. Vilani e Samulski (2002), destacam duas importantes ideias

de Weinberg e Gould (2001) sobre o comportamento dos pais, que indicam a necessidade de uma intervenção educacional:

“...é fácil culpar os pais por ações inadequadas e por problemas em nossos programas. Infelizmente, entretanto, quando as crianças nascem elas não vêm com manual de instruções, e a maioria dos pais teve pouco treinamento em como ter sucesso com os filhos no esporte (...) Embora os comportamentos negativos dos pais nunca venham a ser completamente eliminados do esporte infanto-juvenil, muito pode ser conseguido educando os pais e melhorando as linhas de comunicação entre pais, técnicos e organizadores”.

Um estudo muito interessante sobre como educar os pais está no estudo de Gordillo (1992), ele sugere uma intervenção aos pais em dois níveis distintos, uma entre a instituição e os pais, a outra, entre o treinador e os pais. Com relação entre a instituição e os pais, aponta três objectivos:

- Informação sobre a escola e sua filosofia;
- Conscientização sobre o que implica a prática desportiva do filho;
- Comprometimento dos pais com o projecto.

Entre o treinador e os pais:

- Explicar as normas específicas da equipa, para que os pais colaborem em sua aplicação: alimentação, horas de descanso e comportamento dos atletas;
- O calendário de competições e a colaboração necessária por parte dos pais;
- Explicar os objectivos da equipa,
- Estabelecer um horário de orientação para facilitar e estabelecer a comunicação entre o treinador e pais,
- Estabelecer pautas de comportamento dos pais, se necessário, para situações específicas: assistência e atitudes no treino e jogos.

No estudo de Vilani e Samulski (2002), podemos encontrar algumas recomendações para pais no relacionamento com seus filhos desportistas, segundo esses autores, as informações estão baseadas nos trabalhos de Gordillo (1992), Hanlon (1994), Becker Júnior e Telöken (2000) e, Weinberg e Gould (2001), são elas:

- Dar oportunidade, favorecer e encorajar a participação de seus filhos em diferentes modalidades desportivas. Após estas experiências, permitir a escolha do próprio jovem sobre qual desporto, ou quais desportos ele irá participar.
- Ajudar os filhos a decidirem quais níveis de compromissos poderão assumir. Isto dependerá de múltiplos factores, como as oportunidades que a cidade onde residem oferece, as experiências dos pais nos desportos, a situação económica, o envolvimento com outras actividades.
- Estar certo de que os filhos estão praticando as actividades em um ambiente propício e saudável para seu desenvolvimento integral. Demanda para tanto, a compreensão da filosofia da Instituição, e os consequentes valores ressaltados por esta.
- Construir a auto-estima do jovem, através da compreensão dos aspectos inerentes ao sucesso e fracasso, orientando-os para motivação e melhora.
- Ajudar o jovem a determinar objectivos reais de desempenho.
- Aprender a controlar as próprias emoções e favorecer emoções positivas nos filhos.
- Perceber quais os interesses e necessidades dos jovens no desporto, e criar um ambiente favorável para que alcancem seus objectivos.
- Estabelecer limites de participação dos jovens nos desportos. Os pais devem determinar se os jovens estão aptos física e emocionalmente para participar e assegurar que as condições da prática sejam seguras.
- Certificar se o treinador é qualificado para orientar o jovem no desporto.
- Ajudar o jovem a perceber lições valiosas que o desporto pode proporcionar.
- Ajudar o jovem a cumprir as responsabilidades com a equipa e o treinador.
- Aceitar o papel do treinador.

Capítulo 3 - Motivação

As intervenções que buscam a melhoria da motivação dos atletas no desporto de alto-rendimento são estratégias muito relevantes para o aumento do desempenho e rendimento desportivo. Mesmo fora do alto rendimento, é importante que qualquer indivíduo esteja sempre motivado para praticar determinada actividade. Mas afinal o que é a motivação?

De acordo com o Dicionário do idioma Português:

“...é o acto de motivar; exposição de motivos; conjuntos de factores que determinam a conduta de alguém, processo que desencadeia uma actividade consciente; apresentação de um centro de estudo que visa despertar o interesse e mobiliza a actividade do aluno”.

Ferreira (2005), cita Pinha et al. (2003), diz que a motivação refere-se aos factores da personalidade, variáveis sociais, que actuam quando alguém realiza algo pelo qual poderá ser avaliado ou, se encontra em competição com outros ou, tenta obter algum nível de excelência.

Samulski (1995), refere-se à motivação sendo caracterizada como um processo ativo, intencional e dirigido a uma meta, o qual depende da interacção de factores pessoais (intrínsecos) e ambientais (extrínsecos). Ainda segundo Samulski (1995), a motivação apresenta uma determinante energética (nível de ativação) e uma determinante de direcção do comportamento, que são as intenções, interesses, motivos e metas.

Muito próximo deste conceito de Samulski, está o de Weinberg & Gould (1999), que referem que a motivação é um termo ou conceito geral, utilizado para designar o complexo processo que coordena e dirige a direcção e a intensidade do esforço dos indivíduos. A direcção do comportamento diz respeito à atitude de um atleta enfrentar ou evitar alguma situação. Enquanto que a intensidade tem a ver com o nível de esforço que o atleta utiliza para realizar o comportamento.

Weinberg & Gould (1999), na tabela abaixo, propõem um modelo internacional da motivação para a prática desportiva:

Tabela 1: Motivação para praticar desporto como resultado de interação entre factores pessoais e sictuacionais (Weinberg & Gould, 1999).

Factores Pessoais	Factores Sictuacionais
<ul style="list-style-type: none">• Personalidade• Necessidades• Interesses• Motivos• Metas• Expectativas	<ul style="list-style-type: none">• Estilo de liderança• Facilidades• Tarefas atractivas• Desafios• Influências Sociais

No decorrer da vida de uma pessoa, os factores pessoais e sictuacionais podem mudar, depende das oportunidades e necessidades actuais.

A seguir apresentamos o modelo de Atkinson (1974) e Clelland (1961), presente no estudo de Weinberg e Gould (1999), este modelo explica a motivação para o rendimento como o resultado da interacção de factores pessoais e sictuacionais. Os autores destacam cinco componentes fundamentais neste modelo: Factores da personalidade e motivos, factores sictuacionais, tendências resultantes, reacções emocionais e comportamento de rendimento.

Tabela 2: Modelo de necessidade para o rendimento adaptado de Atkinson (1974) e Clelland (1961), em Weinberg & Gould (1999)

Factores pessoais	Factores sictuacionais	Tendências resultantes	Reacções Emocionais	Comportamentos
Motivo de procurar sucesso	Probabilidade de sucesso	Procurar Sucesso	Orgulho na presença de sucesso	- Procurar sictuações de performance - Procurar desafios - Alto nível de performance
Motivo de evitar fracasso	Valor de incentivo para o sucesso	Evitar fracasso	Vergonha na presença de fracasso	- Evitar sictuações de performance - Evitar riscos e desafios - Baixo nível de performance

De acordo com a tabela 2, os atletas podem estar motivados para o sucesso ou a evitar o fracasso. Cárdenas (2006), apresenta as características desses dois tipos de atletas, designa um grupo de atletas motivados pelo êxito e o outro de atletas motivados a evitar o fracasso, a seguir lista o perfil de cada um desses grupos, primeiro o grupo motivado pelo êxito:

- Planeam e trabalham durante um longo tempo;
- Não têm necessidades de reforços positivos permanentes;
- São mais arraigados em suas acções;
- Escolhem tarefas de grau médio de dificuldade;
- Tem um nível de aspirações realista e optimista;
- Responsabilizam-se pelos seus êxitos e atribuem o fracasso á casualidade.

As características dos atletas motivados a evitar o fracasso são:

- Têm medo e são pessimistas na obtenção de seus objectivos;
- Preferem tarefas em curto prazo e dependem de reforços positivos permanentes;

- São menos arraigados em suas acções;
- Escolhem tarefas com baixas dificuldades;
- Possuem um nível de aspiração pouco realista;
- Atribuem o fracasso a sua falta de capacidade, e o êxito explica através da sorte.

De acordo com Harter (1978, 1981), citado por Cruz (1996), e segundo a Teoria da Competência Motivacional, os indivíduos com elevadas percepções de competência e controle interno, apresentam índices mais elevados de motivação e exercem conseqüentemente mais esforço, persistindo mais tempo nas tarefas de realização. Os indivíduos estão motivados a demonstrar competências numa área e, se forem bem sucedidos estas experiências resultam em sentimentos de eficácia e efeitos positivos, resultando numa motivação continuada para a prática.

Deci e Ryan (1985) consideram a dicotomia intrínseca e extrínseca muito simplista para a compreensão da motivação, pois segundo uma perspectiva auto-determinista, afirmam que a motivação pode ser categorizada de uma forma global e considerando um *continuum* da forma mais auto-determinada para a menos auto-determinada, em motivação intrínseca, motivação extrínseca e amotivação.

Este estudo foi baseado na Teoria da auto-determinação de Deci e Ryan (1985). A seguir se apresentará esta teoria.

3.1 Teoria da Auto-Determinação

Procurando compreender os determinantes motivacionais e descobrir as formas auto-determinadas de motivação, Deci e colaboradores (Deci & Ryan, 1985; Ryan, Connell & Deci, 1985) desenvolveram a Teoria da Auto-determinação.

A auto-determinação é uma teoria macro da motivação humana, do desenvolvimento da personalidade e do bem-estar. A teoria centra-se especialmente sobre o comportamento auto-determinado e as condições sociais e culturais que a promovem. O autor defini esta teoria como uma "psicologia organísmica", de uma família de teorias psicológicas holísticas, incluindo as de Jean Piaget e Carl Rogers que, pressupõe que as pessoas são organismos ativos, dirigidos ao crescimento. Esta natureza humana ativa é claramente evidente no

fenômeno da motivação intrínseca - a tendência natural se manifesta desde o nascimento para buscar desafios, novidades e oportunidades para aprender. É também evidente no fenômeno da interiorização, ou da propensão dos indivíduos para assumir e tentar integrar as práticas e valores sociais que os cercam.

A Teoria da Auto-Determinação tem sido o paradigma teórico primordialmente utilizado no contexto desportivo, no que se refere à investigação acerca da motivação intrínseca (Duda et al., 1995). A sua aplicação no contexto educativo e desportivo, tem sido feita de forma bem sucedida, e demonstra a importância das diferentes formas motivacionais na indução de diversos benefícios cognitivos, comportamentais e afectivos (Ntoumanis, 2001).

De acordo com Vallerand, Deci e Ryan (1987), a motivação intrínseca define-se de duas formas: A primeira, como uma participação voluntária na actividade, sem o recebimento de recompensas e sem pressões externas. A segunda, participação em uma actividade pelo interesse, satisfação e o prazer que obtêm deste envolvimento. Pelletier et al. (1995), reforça esta ideia quando refere que os indivíduos motivados intrinsecamente participam de uma modalidade desportiva porque a consideram interessante, ou querem aprender mais sobre ela, ou pelo prazer de tentarem superar-se a eles próprios.

Em um estudo sobre a motivação, Vallerand e Bissonette (1992), definem 3 tipos de motivação intrínseca:

- Motivação Intrínseca para o conhecimento: Segundo Deci e Ryan (1985), este tipo relaciona-se com a curiosidade, necessidade de conhecer e compreender mais sobre a actividade praticada. Um exemplo de atleta motivado intrinsecamente para o conhecimento é aquele que quer descobrir novas técnicas de execução motora, pelo prazer de aprender algo novo.
- Motivação Intrínseca para o aperfeiçoamento: Segundo Pelletier et al. (1995), este tipo relaciona-se com a orientação para a tarefa. Um exemplo de atleta motivado intrinsecamente para o aperfeiçoamento é aquele que realiza acções motoras difíceis para melhorar sua execução técnica, sente satisfação pessoal de mestria.
- Motivação Intrínseca para viver situações estimulantes: Segundo Kowal e Fortier (2000) e Standage, Treasure, Duda e Prusak (2003) , este tipo relaciona-se com a actividade para sentir-se estimulado. Um exemplo de

atleta motivado intrínsecamente para viver situações estimulantes é aquele que se diverte ao praticar, sente prazer ao realizar a actividade.

A motivação intrínseca tem sido considerada desejável no contexto educacional, devido à manifestação de comportamentos adaptativos, tais como taxas mais elevadas de participação a longo prazo, persistência e esforço (Vallerand, Deci & Ryan, 1987).

Ryan, Deci, Grolnick e LaGuardia (2006), afirmam que embora a tendência de crescimento subjacente a motivação intrínseca e internalização são “naturais”, isto não implica que eles funcionem de modo robusto em todas as condições, requerem suportes específicos e nutrientes a partir de seu ambiente social. Estes nutrientes são conceituados na Teoria da Auto-Determinação como necessidades psicológicas básicas, que são definidas como satisfações que são essenciais e necessárias para o crescimento psicológico, para a integridade e bem-estar. Existem três necessidades psicológicas básicas, nomeadamente as de autonomia³, relacionamento e competência. A satisfação das três necessidades é considerada essencial para um ótimo desenvolvimento e saúde psicológica. Por exemplo, o *feedback* positivo em situações de desafio, aumentam a ocorrência da motivação intrínseca. No entanto, somente o sentimento de competência não é suficiente para promover um aumento da motivação intrínseca, é necessário que seja acompanhado por uma percepção de autonomia, ou seja, a situação não deve sufocar o sentimento de liberdade individual, como também o atleta necessita sentir-se responsável pelo desempenho competente. Por último a necessidade do relacionamento, é importante que o atleta sinta-se como parte de um grupo.

Quanto a motivação extrínseca, Pelletier et al. (1995), diz que consiste num conjunto variado de comportamentos, que são realizados com um propósito diferente do divertimento e do prazer por praticar a actividade.

Deci e Ryan (1985), sugerem diferentes tipos de motivação extrínseca ao longo de um continuum de auto-determinação. Apresenta-se da forma menos auto-determinada (amotivação) até a mais auto-determinada (motivação intrínseca), quer dizer que receber recompensas ou ser pressionado por prazos, é referido como sendo uma forma controladora de autonomia, pelo que este comportamento não é uma expressão do indivíduo, dado que este

³ Magalhães (2005), diz que autonomia significa a faculdade de se governar; O direito ou faculdade de se reger por leis próprias; Liberdade ou independência moral e intelectual. Cita Ferreira (1986), ao afirmar que o adjetivo autónomo refere-se a agir sem controle externo. Para a Teoria da Autodeterminação, o conceito de autonomia é vinculado ao desejo ou a vontade do organismo de organizar a experiência e o próprio comportamento e para integrá-los ao sentido do *self*.

está subjugado à variável controladora. Assim, a sensação de autonomia ou controlo, reflecte os extremos do continuum apresentado, pelo que existem tipos extrínsecos motivacionais diferentes:

- A motivação extrínseca – regulação integrada: É a forma mais auto-determinada ou autônoma do comportamento, pois existe a possibilidade de escolha. Um exemplo são os atletas que praticam determinada actividade, pois reconhecem sua importância para adoptarem um estilo de vida saudável. Pelletier et al. (1995), diz que este tipo de motivação não é usualmente mencionada por jovens, sendo assim, este tipo de motivação extrínseca raramente é considerada em estudos com esta faixa etária. Deci e Ryan (1985), referem que apesar deste tipo de motivação representar uma forma auto-determinada, considera-se ser um comportamento motivado extrínsecamente, pois é realizado para concretizar objectivos pessoais, e não pelo prazer pela actividade.
- A motivação extrínseca – regulação identificada: É quando um comportamento é motivado pelos resultados ou benefícios de participar daquela actividade. Pelletier et al. (1995), cita o exemplo de atletas que praticam desporto por julgar que é importante para os seus desenvolvimentos como indivíduos. Deci e Ryan (1985) referem que, mesmo por razões extrínsecas estes atletas também se identificam com estas razões, permitindo algum controlo e possibilidade de escolha da actividade.
- A motivação extrínseca – regulação introjectada: Provém de reforços resultantes de pressões internas, como a culpa e ansiedade (Pelletier et al., 1995) ou pelo desejo de obter reconhecimento social (Ntoumanis, 2001). Deci e Ryan (1985), afirmam que neste caso a regulação é mais afectiva do que cognitiva. Standage et al. (2003), afirma que não se verifica auto-determinação nestes comportamentos, pelo que os processos regulatórios baseiam-se em fontes de controlo externo.
- Motivação extrínseca – regulação externa: Reconhecido por Deci e Ryan (1985) como sendo a forma mais básica de motivação extrínseca, está no extremo do continuum de auto-regulação (menos auto-determinado), consiste na imposição de contingências externas por parte de outras pessoas. Pelletier et al. (1995), exemplifica ao dizer dos atletas que praticam um desporto para

serem reconhecidos pelos treinador ou para obterem recompensas externas (exemplo: monetárias, troféus, etc.).

A amotivação, os comportamentos são regulados por “forças” além do controlo intencional do indivíduo, pelo que nem se consideram intrínseca ou extrínseca, tendo em conta a ausência de motivação (Deci & Ryan, 1985).

Segundo Ryan e Deci (2000), muitos estudos foram desenvolvidos a partir da Teoria da Auto-Determinação, sendo que na sua maioria, procuravam comparar a motivação intrínseca com a motivação extrínseca. Os resultados dessas investigações indicavam que as recompensas materiais prejudicariam a motivação intrínseca e, reduziam o envolvimento na actividade para níveis menores do que os apresentados antes da introdução das recompensas. Aplicado ao contexto desportivo, a Teoria da Auto-Determinação focaliza a promoção do interesse dos atletas para a valorização da actividade e a confiança nas suas próprias capacidades. Magalhães (2005), cita Ryan e Conell (1989), que criaram subescalas para medir a motivação na sala de aula, e Vallerand et al. (1992), que desenvolveram a escala académica da motivação (AMS) para medir a motivação extrínseca e três tipos de motivação intrínseca, citadas anteriormente.

O *Sport Motivation Scale* (SMS), questionário que utilizamos neste estudo, foi elaborado por Pelletier et al. (1995), baseado no modelo hierárquico de motivação intrínseca e extrínseca de Vallerand (1997, 2001, 2007), que por sua vez, foi baseado na Teoria da Auto-Determinação de Deci e Ryan (1985, 2000). Magalhães (2005), utilizou o SMS para investigar a motivação intrínseca e extrínseca de jogadores de voleibol em Portugal, seu objectivo foi identificar o tipo de motivação que os leva a praticar o desporto. Em seus resultados identificaram que as motivações intrínsecas são o prazer e conhecimento pelo jogo, o ser capaz e o convívio com outros jogadores, os de ordem extrínsecas são os prémios e a forma como os outros os vêem. Os atletas masculinos mostraram níveis mais elevados de motivação do que as atletas do género feminino.

O SMS é considerado por Chantal et al.(1996), Martens e Webber (2002), Shaw et al. (2005) e Beaudoin (2006), um dos principais instrumentos de avaliação da motivação nos últimos anos.

3.2 Modelo Hierárquico de Motivação

Vallerand (1997, 2001, 2007) defende o “Modelo Hierárquico da Motivação Intrínseca e Extrínseca”, baseado nos postulados da Teoria da Auto-Determinação (Deci & Ryan, 1985, 2000). Este modelo considera que a motivação, as suas determinantes, os mediadores e suas respectivas consequências definem-se em três níveis, nomeadamente o nível global (personalidade), contextual (vida quotidiana) e situacional (estado), e vai do mais geral para o mais específico.

Standage et al. (2003), explicam que o nível global é semelhante ao traço de personalidade e engloba o modo como o indivíduo interage com o meio envolvente, isto é, de uma forma intrínseca, extrínseca ou amotivada. A contextual, representa uma disposição motivacional estável que o indivíduo adopta perante um contexto específico (o contexto desportivo por exemplo). O nível situacional refere-se à motivação que um indivíduo sente quando realiza uma actividade específica.

Este modelo define que os cinco tipos de motivação (Intrínseca; Extrínseca – regulação identificada; Extrínseca – regulação introjecção; Extrínseca – regulação externa e amotivação) são influenciados por factores sociais (Exemplo: cooperação, competição, estilo de ensino diferenciado-autonomia e estilo de ensino directo-controlador). A influência destes factores sociais, é exercida através da satisfação de necessidade psicológicas básicas. Segundo Deci e Ryan (1985), já referido na Teoria da Auto-Determinação, as três necessidades psicológicas básicas são: 1) Autonomia, que é a oportunidade do indivíduo perceber-se como sendo o responsável pelos seus actos; 2) Competência, é a necessidade de desenvolver e realizar actividades de forma eficaz, sentir a mestria; 3) Relacionamento, necessidade do indivíduo ser aceite por outros, pertencer a um grupo, criar amizades e conviver.

Vallerand (1997, 2001, 2007) afirma que, devido à complexidade da compreensão da motivação humana, é sugerido que alterações num nível corresponderão a mudanças no nível adjacente (Exemplo, alterações na motivação a nível situacional serão influenciadas pela motivação contextual e, em menor dimensão, pela motivação a nível global).

Finalmente, o modelo hierárquico de Vallerand (1997, 2001, 2007), prediz que os diferentes tipos motivacionais, originarão consequências de carácter cognitivo (exemplo: concentração), afectivo (exemplo: divertimento) e comportamental (exemplo: empenho e persistência).

Capítulo 4 - Método

4.1 Participantes

Um total de 114 nadadores participaram deste estudo, 64.9% (n= 74) do gênero masculino e 35.1% (n= 40) do gênero feminino, todos residentes no Brasil, estado de São Paulo. Estes nadadores apresentavam idades compreendidas entre os 12 e 20 anos [M = 14.67; DP = 8.29], 32.4% dos atletas tinham entre 12 e 13 anos, 31.5% tinham entre 14 e 15, 29.8% entre 16 e 17 anos e 6.1% entre 18 e 20 anos. Todos esses atletas nadavam em um dos 7 clubes que autorizaram as suas participações no estudo, a frequência de treinos era de 5 vezes na semana.

Os critérios para inclusão foram baseados no estudo de Lee e Mclean (1997), criadores do PISQ original:

- Ambos os gêneros;
- Faixa etária entre 12 e 20 anos;
- Ter participado pelo menos de 1 competição (Municipal, Estadual, Nacional ou Internacional) durante a última época.

Em relação a caracterização dos participantes, destaca-se mais significativo que 27,2% da amostra era do clube número 3, 20,2% tinham a idade de 16 anos e 64,9% eram do gênero masculino, quanto a maior competição que já participaram, 62,3% disseram ser competições Estaduais ou Regionais. O quadro completo da descrição dos participantes encontra-se como anexo 1.

4.2 Instrumentos

Nesse estudo foram utilizados os seguintes instrumentos: *Parental Involvement Sport Questionnaire* (PISQ) de Lee & Mclean (1997), e a “Escala de Motivação Desportiva”, que é uma versão traduzida e adaptada para a língua portuguesa por Magalhães, Cunha, Antunes e Palmeira (2005), do *Sport Motivation Scale* (SMS) de Pelletier et al. (1995).

O PISQ (Lee & Mclean, 1997), tem como objectivo avaliar a percepção que os atletas têm sobre o comportamento dos pais em relação à sua participação desportiva. É composto por 19 ítems distribuídos em 3 factores:

- Comportamento Directivo (*Directive Behaviour*) composto por 10 ítems, exemplo: *After a bad race your parents tell that they think you did wrong.*
- Elogios e Compreensão (*Praise and Understanding*) composto por 4 ítems, exemplo: *After the race your parents praise your effort.*
- Envolvimento Activo (*Active Involvement*) composto por 5 ítems, exemplo: *Your parents are volunteers to help in competitions as members of the organizing committee.*

As respostas são realizadas numa escala tipo *Likert*, de 1 (Sempre) à 5 (Nunca).

O SMS (Pelletier et al., 1995) é baseado na teoria de auto-determinação de Deci e Ryan (1985, 1991), seu objectivo é avaliar a motivação dos atletas, apresentando de forma independente a motivação intrínseca, extrínseca e amotivação. O instrumento “Escala de Motivação Desportiva” é uma versão traduzida e adaptada para a língua portuguesa por Magalhães et al. (2005). É um instrumento validado para administrar a maioria dos desportos e actividades físicas, a versão portuguesa é composta por 28 ítems distribuídos por 5 factores:

- Motivação intrínseca – Saber (4 ítems), exemplo: Pelo prazer que me dá saber mais sobre o desporto que pratico.
- Motivação intrínseca pela prática (10 ítems), exemplo: Porque sinto muita satisfação pessoal ao dominar certas técnicas de treino difíceis.
- Motivação extrínseca – Introjectada (4 ítems), exemplo: Porque é absolutamente necessário praticar desporto se se pretende ficar em forma.
- Motivação extrínseca – Regulação externa (6 ítems), exemplo: Porque me permite ficar bem visto pelas pessoas que conheço.
- Amotivação (4 ítems), exemplo: Costumava ter boas razões para praticar desporto, mas agora pergunto-me se deverei continuar a praticá-lo.

As respostas são dadas numa escala de 7 pontos, de 1 (Não corresponde) à 7 (Corresponde exactamente).

4.3 Procedimento

4.3.1 A tradução do PISQ: O PISQ (Lee e Mclean, 1997), é um instrumento de origem inglesa, que tem vindo a ser mais utilizado na investigação em Psicologia do Desporto para analisar o nível de envolvimento de pais no desporto dos filhos, tem demonstrado fiabilidade e validade, além de que foi recentemente validado ao idioma espanhol (Torregrosa et al., 2007). Decidiu-se que seria um instrumento importante a adaptar e iniciar o processo de validação ao idioma português do Brasil.

Após autorização do Dr. Martin Lee (Anexo 2), autor do PISQ original, cedida em março de 2009, a primeira fase do processo de tradução consistiu na formação de um grupo de peritos com experiência em Desporto e Psicologia do Desporto. Três peritos foram seleccionados pela sua experiência académica e de investigação em processos de adaptação e validação de instrumentos, além do domínio do idioma inglês utilizado em contexto académico. Dois peritos eram de Nacionalidade Brasileira e o outro de Nacionalidade Portuguesa, mas com conhecimento das nuances do idioma e da cultura desportiva brasileira. Estes peritos certificaram a equivalência de constructos entre as duas culturas e idiomas (Inglês e Português), ou seja, que a utilização do conceito de envolvimento parental era utilizado com o mesmo significado nestes dois idiomas e culturas. Cada perito leu a versão original do PISQ e traduziu os ítems individualmente. As três versões de tradução resultantes foram reunidas e comparadas entre si, pelos próprios peritos. Foram encontradas discordâncias para os seguintes ítems: No ítem 4, *Before a race do your parents tell you what particular things you need to work on to do well*, houve uma discordância entre as versões dos peritos 1 e 2 com a tradução da expressão *particular things*. Cada um dos dois peritos utilizou palavras diferentes para traduzí-la, o perito 1 utilizou “pontos” e o perito 2 “aspectos”, assim, decidiu-se que o ítem seria traduzido como “Antes de uma prova seus pais falam sobre os aspectos que você precisa melhorar para nadar bem”, pois este termo estava presente na tradução dos peritos 2 e 3. No ítem 14, *After a race do your parents praise you for where you were placed*, houve uma discordância com a tradução da palavra *placed*, o perito 1 traduziu como “colocação”, o perito 2 traduziu como “resultado” e o perito 3 como “posição”, assim, após conversarem decidiu-se consensualmente, que o ítem seria traduzido como “Após uma prova seus pais o elogiam pelo lugar em que ficou colocado”. No ítem 18, *Do your parents encourage you to talk to them about any problems or worries you may have in your*

swimming, houve discordância com a tradução da palavra *encourage*, assim como a questão anterior, cada um dos peritos traduziu a palavra de forma diferente, o perito 1 traduziu “encorajam”, o perito 2 traduziu “estimulam” e o perito 3 traduziu “incentivam”, foi decidido mais um vez de forma consensual, que o ítem seria traduzido como “Os seus pais te estimulam a lhes contar sobre algum problema ou preocupações que você possa ter em relação a natação”. Desta forma, formou-se uma única versão portuguesa do PISQ.

Na segunda fase do processo de tradução realizou-se a retro-tradução, que consiste em traduzir a versão obtida do idioma-objectivo (ou seja o idioma para o qual se pretende adaptar o instrumento, neste caso o Português) novamente para o idioma original. Um perito bilingue, independente do grupo de peritos que realizou a tradução para o Português (idioma-objectivo), com conhecimentos e experiência similar ao primeiro grupo de peritos, realizou este processo inverso de tradução, ou seja, traduziu a versão Portuguesa ao inglês.

Na terceira e última fase, um novo grupo de peritos foi formado, era composto por 2 profissionais de Nacionalidade Brasileira, também com experiência académica e de investigação em processos de adaptação e validação de instrumentos, além do domínio do idioma inglês utilizado em contexto académico. Eles compararam a versão original inglesa do PISQ (Lee & Mclean, 1997) com a versão inglesa construída pela retro-tradução, e certificaram que os ítems das duas versões apresentavam o mesmo significado. Desta forma, já certificada, a versão portuguesa criada pelo primeiro grupo de peritos, tornou-se a versão portuguesa final do PISQ, a qual designaremos PISQp (Anexo 3). Essa versão portuguesa também foi composta por 19 ítems, assim como a original.

Como dados demográficos e competitivos, 2 questões foram incluídas no cabeçalho do PISQp, a primeira, “Maior competição que participou no último ano”, tinha o objectivo de conhecer a experiência desportiva desses atletas, eles tinham de assinalar a maior competição que participaram na última época. A segunda, “Quem mais assiste as suas competições e treinamentos?”, tinha como resposta, “Pai”, “Mãe”, “Os dois” ou “Nenhum”, o objectivo era conhecer se alguém assistia as competições e treinos do atleta e, em caso afirmativo, quem o fazia mais.

4.3.2 Adaptação do SMS: Devido às diferenças encontradas entre o idioma português de Portugal e o do Brasil, optamos por realizar uma adaptação de algumas expressões e palavras da versão portuguesa de Magalhães et al. (2005), em processo semelhante ao de tradução do PISQ.

Para iniciar esta adaptação constituiu-se uma dupla de peritos, um de Nacionalidade Brasileira e o outro de Nacionalidade Portuguesa, residentes em Portugal, com conhecimento das nuances do idioma e da cultura desportiva brasileira. Ambos foram selecionados pela sua experiência académica e de investigação em processos de adaptação e validação de instrumentos. Todas as adaptações foram decididas de forma consensual e em conjunto, pelos dois peritos.

A primeira adaptação foi substituir, em todo o questionário, as palavras “desporto” e “treino” por “esporte” e “treinamento”, respectivamente, o objectivo desta adaptação foi adequar essas palavras à cultura e o idioma português do Brasil. No ítem 1 do SMS original, “Pelo prazer que sinto ao viver experiências excitantes”, e ítem 13, “Pela excitação que sinto quando estou realmente envolvido na actividade”, os peritos substituíram as palavras “excitantes” e “excitação” por “emocionantes” e “emoção”, respectivamente, também mais adequados a cultura desportiva brasileira. No ítem 8, “Porque sinto muita satisfação pessoal ao dominar certas técnicas de treino difíceis”, a palavra “pessoal”, de acordo a gramática portuguesa do Brasil, torna a expressão redundante, por esta razão os peritos optaram por excluir a palavra “pessoal”. No ítem 11, “Porque é uma das melhores formas que escolhi para desenvolver outros aspectos de mim mesmo”, os peritos substituíram a expressão “desenvolver outros aspectos de mim mesmo” por “para me desenvolver pessoalmente”, o objectivo da alteração também foi adequar à construção gramatical brasileira. No ítem 16, “Porque as pessoas que me rodeiam pensam que é importante manter a forma”, a expressão “que me rodeiam” foi substituída por “ao meu redor”, pelo mesmo motivo do ítem 11.

Na versão portuguesa do Brasil foi mantido os 28 ítems da versão original (Anexo 4).

4.3.3 Administração dos questionários: Numa primeira fase, foi solicitada inicialmente a colaboração dos 8 clubes de natação através de e-mail ou ligação telefónica, sendo esclarecido os objectivos do estudo e garantindo o anonimato de todos os atletas participantes. Apenas um clube não autorizou a sua participação, devido à incompatibilidade de agenda.

Após a autorização do director de cada clube, o treinador foi contactado para definir data e hora para a aplicação dos questionários. A aplicação dos questionários foi realizada segundo um protocolo (Anexo 5) previamente estabelecido e sobre o qual os administradores, estudantes de Educação Física, foram instruídos e treinados previamente. Os questionários foram aplicados 30 minutos antes da sessão de treinamento de cada equipa, numa sala

disponibilizada pelo clube ou no próprio balneário, sempre com a presença dos administradores.

Todas as aplicações ocorreram sem incidências e após os atletas finalizarem os questionários, seguiam normalmente sua rotina de treino.

4.4 Análise de dados

As pontuações e dados sócio-demográficos foram descritos através de frequências absolutas (n) e relativas (%) ou através de média, desvio-padrão, mediana, coeficiente de assimetria e kurtose. As descrições dos factores foram descritos através de frequências absolutas.

A consistência interna dos valores foi avaliada através do coeficiente Alpha de Crombach, e em seguida foi realizada análise factorial exploratória, tendo como parâmetros 3 factores, e com peso factorial acima de 0,30. O coeficiente alpha de Crombach foi recalculado para os novos factores.

A relação entre as pontuações foi avaliada através do coeficiente de correlação de Spearman.

Os factores foram avaliados segundo a distribuição normal através do teste de Kolmogorov-Smirnov. Em seguida os factores foram estudados segundo as características sócio-demográficas através de testes estatísticos paramétricos (em dados normais) e de testes não paramétricos (em dados não normais): teste T de Student ou Mann-Whitney, e ANOVA ou Kruskal-Wallis.

O nível de significância de p foi assumido em 5% e os softwares utilizados para análise foram o SPSS versão 15 e o SAS versão 9.2.

Capítulo 5 – Apresentação de Resultados

A questão que completou o cabeçalho e os dados demográficos e competitivos era: “Quem mais assiste as suas competições e treinos?” 22,8% responderam que o pai é quem mais assiste suas competições, 21,9% responderam que é a mãe quem mais assiste, 43,9% disseram ser ambos de forma igual e 11,4% responderam que nem pai nem mãe assistem suas provas.

A seguir apresentamos os resultados do PISQp, depois do SMS e por fim, as correlações entre o PISQp e o SMS.

5.1 PISQp

Tabela 3: Descrição dos factores do PISQp

Factores	média	desvio-padrão	mediana	Assimetria*	Kurtose
PISQp					
Comportamento Directivo	33.9	7.1	34.0	-0.029	-0.174
Elogios e compreensão	7.7	2.8	7.0	0.785	-0.400
Envolvimento Activo	14.5	4.1	14.0	0.336	1.309

G = 3(média-median) / (DP)

Verificou-se como mais significativo na tabela 3, para o factor comportamento directivo, a média absoluta foi de 33,9; mediana 34 (entre 10 e 50). Para elogios e compreensão obteve-se média de 7,7; desvio-padrão 2,8; mediana 7,0 (entre 4 e 20). Para envolvimento activo, média de 14,5 e mediana 14,0 (entre 5 e 25).

Tabela 4: Avaliação do efeito chão e tecto no PISQP

Ítem	Efeito Chão		Efeito Tecto	
	n	%	N	%
1) Após uma competição seus pais falam o que eles acham que você precisa melhorar.	21	18,4	9	7,9
2) Seus pais falam como eles acham que você pode melhorar sua técnica.	7	6,1	28	24,6
3) Após uma prova ruim seus pais apontam o que eles acham que você fez mal.	24	21,1	21	18,4
4) Antes de uma prova seus pais falam sobre os aspectos que você precisa melhorar para nadar bem	12	10,5	42	36,8
5) Antes de uma competição seus pais falam como nadar suas provas.	10	8,8	51	44,7
6) Os seus pais gritam e torcem antes de uma prova.	50	43,9	11	9,7
7) Durante os treinos seus pais falam ou sinalizam o que você deve fazer.	1	0,9	92	80,7
8) Os seus pais te estimulam a treinar mais forte.	59	51,8	11	9,7
9) Os seus pais ficam bravos se eles acham que você não está nadando tão bem quanto deveria.	4	3,5	62	54,4
10) Depois de uma prova seus pais falam que você não se esforçou o suficiente.	2	1,8	68	59,7
11) Logo após uma prova ruim seus pais elogiam o que fez bem.	32	28,1	11	9,7
12) Após a prova seus pais elogiam seu esforço.	83	72,8	1	0,9
13) Os seus pais mostram que eles entendem como você se sente sobre a natação.	48	42,1	4	3,5
14) Após uma prova seus pais o elogiam pelo lugar em que ficou colocado.	57	50,0	1	0,9
15) Os seus pais assumem um papel ativo na administração do seu clube.	21	18,4	34	29,8
16) Os seus pais são voluntários para ajudar em competições como membros da comissão organizadora.	18	15,8	49	43,0
17) Os seus pais conversam sobre sua evolução com seu treinador.	23	20,2	19	16,7
18) Os seus pais te estimulam a lhes contar sobre algum problema ou preocupações que você possa ter em relação a natação.	38	33,3	10	8,8
19) Seus pais mudam o horário das refeições para que você possa treinar e participar nas competições.	47	41,2	18	15,8

Em cada ítem foi analisado o efeito chão e efeito tecto (porcentagem de sujeitos que tiveram o valor mais baixo - *Sempre* - ou mais alto - *Nunca* - em cada ítem, respectivamente), observamos que em alguns ítems houve um percentual de respostas *Sempre* ou *Nunca* acima do 50%⁴.

Na questão número 7, “Durante os treinos seus pais falam ou sinalizam o que você deve fazer”, 80,7% dos atletas entrevistados disseram que durante os treinos os pais NUNCA falam ou sinalizam o que eles devem fazer.

⁴ Consultamos algumas referências (Hyland, 2003) para conhecer a partir de qual valor (%) é considerado efeito chão ou tecto, constatamos que não existe um percentual exacto, esta análise depende do número de participantes da amostra e da análise do autor.

Na questão 8, “Os seus pais te estimulam a treinar mais forte”, 51,8% disseram que seus pais SEMPRE os estimulam a treinar mais forte, esses resultados vão ao encontro de Simões et al. (1999), quando dizem que na competição o vencer a qualquer custo reproduz exatamente tudo aquilo que os pais querem dos filhos atletas. Porém, na questão 9, “Os seus pais ficam bravos se eles acham que você não está nadando tão bem quanto deveria”, e na questão 10, “Depois de uma prova seus pais falam que você não se esforçou o suficiente”, 54,4% e 59,7% respectivamente, disseram que seus pais NUNCA adotam esse comportamento.

Na questão 9, 4 atletas responderam que seus pais SEMPRE ficam bravos quando eles acham que eles (atletas) não estão nadando tão bem quanto deveriam. Na questão 10, 2 atletas responderam que seus pais SEMPRE falam que eles (atletas) não se esforçaram o suficiente. Ao olhar para as respostas do SMS destes 6 atletas, constatamos que 2 deles mostraram sinais de amotivação, a seguir, no capítulo de discussão dos resultados, vamos abordar este resultado.

A questão 12, “Após a prova seus pais elogiam seu esforço”, e na questão 14, “Após uma prova seus pais o elogiam pelo lugar em que ficou colocado”, mostrou que, 72,8% e 50% respectivamente, dos atletas recebem esse apoio dos pais.

Tabela 5: Coeficiente Alpha de Cronbach do PISQp

Cronbach Coefficient Alpha	Alpha	
Factores	0.62	
Coeficiente Alpha de Crombach a desconsider a questão 19		
	Correlação com total	Alpha
Factores		
Comportamento Directivo	0.43	0.51
Elogios e Compreensão	0.60	0.25
Envolvimento Activo	0.27	0.72
Ítems		
1) Após uma competição seus pais falam o que eles acham que você precisa melhorar.	0.40	
2) Seus pais falam como eles acham que você pode melhorar sua técnica.	0.51	
3) Após uma prova ruim seus pais apontam o que eles acham que você fez mal.	0.45	
4) Antes de uma prova seus pais falam sobre os aspectos que você precisa melhorar para nadar bem	0.48	
5) Antes de uma competição seus pais falam como nadar suas provas.	0.49	
6) Os seus pais gritam e torcem antes de uma prova.	0.49	
7) Durante os treinos seus pais falam ou sinalizam o que você deve fazer.	0.29	
8) Os seus pais te estimulam a treinar mais forte.	0.52	
9) Os seus pais ficam bravos se eles acham que você não está nadando tão bem quanto deveria.	0.32	
10) Depois de uma prova seus pais falam que você não se esforçou o suficiente.	0.25	
11) Logo após uma prova ruim seus pais elogiam o que fez bem.	0.27	
12) Após a prova seus pais elogiam seu esforço.	0.42	
13) Os seus pais mostram que eles entendem como você se sente sobre a natação.	0.35	
14) Após uma prova seus pais o elogiam pelo lugar em que ficou colocado.	0.29	
15) Os seus pais assumem um papel ativo na administração do seu clube.	0.22	
16) Os seus pais são voluntários para ajudar em competições como membros da comissão organizadora.	0.24	
17) Os seus pais conversam sobre sua evolução com seu treinador.	0.33	
18) Os seus pais te estimulam a lhes contar sobre algum problema ou preocupações que você possa ter em relação a natação.	0.24	

Nunnally (1978), considera aceitável um Alpha de Cronbach acima de 0,70. Bowling (1977) considera os valores entre 0,65 e 0,70 acima do limite de aceitabilidade. Em um estudo mais recente, Hair, Anderson, Tatham e Blach (1998), consideram que o Alfa de Cronbach acima de 0,50 é aceitável.

Desta forma, de acordo com o critério de Hair et al. (1998), podemos observar na tabela 5, que os factores que se mostraram fiáveis foram o “Comportamento Directivo”, com

o Alpha de Cronbach de 0,51 e o factor “Envolvimento Activo”, com o Alpha de Cronbach de 0,72. De acordo com o critério de Nunnally (1978), apenas o factor “Envolvimento Activo” mostrou-se fiável.

Tabela 6: Análise Factorial: questões presentes nos factores

Critério de Rotação Varimax

Questões Avaliadas	Factor1	Factor2	Factor3	
Factor 1 - Comportamento Directivo				
1) Após uma competição seus pais falam o que eles acham que você precisa melhorar.	0.67	* 0.14	-0.22	
2) Seus pais falam como eles acham que você pode melhorar sua técnica.	0.71	* 0.15	0.09	
3) Após uma prova ruim seus pais apontam o que eles acham que você fez mal.	0.72	* 0.08	-0.05	
4) Antes de uma prova seus pais falam sobre os aspectos que você precisa melhorar para nadar bem	0.65	* 0.21	-0.01	
5) Antes de uma competição seus pais falam como nadar suas provas.	0.53	* 0.32	* 0.04	
7) Durante os treinos seus pais falam ou sinalizam o que você deve fazer.	0.42	* 0.01	0.28	
9) Os seus pais ficam bravos se eles acham que você não está nadando tão bem quanto deveria.	0.51	* 0.04	0.03	
10) Depois de uma prova seus pais falam que você não se esforçou o suficiente.	0.69	* -0.29	0.09	
Factor 2 - Elogios e Compreensão				
6) Os seus pais gritam e torcem antes de uma prova.	0.34	* 0.48	* 0.19	
8) Os seus pais te estimulam a treinar mais forte.	0.30	* 0.63	* 0.02	
11) Logo após uma prova ruim seus pais elogiam o que fez bem.	-0.04	0.52	* 0.13	
12) Após a prova seus pais elogiam seu esforço.	-0.02	0.70	* 0.26	
13) Os seus pais mostram que eles entendem como você se sente sobre a natação.	0.06	0.71	* -0.15	
14) Após uma prova seus pais o elogiam pelo lugar em que ficou colocado.	-0.10	0.52	* 0.40	*
17) Os seus pais conversam sobre sua evolução com seu treinador.	0.23	0.36	* 0.10	
18) Os seus pais te estimulam a lhes contar sobre algum problema ou preocupações que você possa ter em relação a natação.	0.06	0.55	* -0.24	
Factor 3 – Envolvimento Activo				
15) Os seus pais assumem um papel ativo na administração do seu clube.	0.02	0.08	0.83	*
16) Os seus pais são voluntários para ajudar em competições como membros da comissão organizadora.	0.06	0.11	0.80	*
Não considerada				
19) Seus pais mudam o horário das refeições para que você possa treinar e participar nas competições.	0.11	0.16	0.08	

questão 19: não considerada em nenhum factor

* = presente na composição do factor

No PISQp optamos por manter os 3 factores do PISQ original, de acordo com a tabela 6, a questão 19 foi excluída, pois de acordo com o critério de rotação varimax, essa questão não foi considerada em nenhum factor (peso factorial menor que 0,3).

No caso dos ítems cujo peso factorial é maior que 0,30 em mais que um factor, optamos por mantê-lo no factor onde apresentou maior peso factorial.

Tabela 7: Estudo do PISQp em relação as variáveis sócio-demográficas.

	Comportamento Directivo			Elogios e Compreensão				Envolvimento Activo				
	Média	desvio-padrão	mediana	valor-p	média	desvio-padrão	mediana	valor-p	Média	desvio-padrão	mediana	valor-p
Clube				0.0275*				0.1351				0.0218*
Clube 1	33.6	5.2	33.0		8.5	2.5	8.0		14.5	3.1	14.0	
Clube 2	34.5	8.8	35.5		8.0	3.1	8.5		12.2	3.9	12.5	
Clube 3	35.9	7.0	35.0		6.7	1.9	7.0		13.4	4.5	14.0	
Clube 4	36.9	4.0	36.0		8.6	2.6	9.0		16.9	3.8	16.0	
Clube 5	35.0	8.7	35.0		6.8	1.3	7.0		16.0	4.1	14.5	
Clube 6	30.1	7.3	31.0		7.4	2.7	7.0		14.4	3.8	14.0	
Clube 7	36.6	7.6	37.0		9.6	4.8	9.0		17.7	4.5	16.0	
Gênero				0.8444**				0.9310**				0.0921**
Masculino	34.0	6.9	34.0		7.7	2.9	7.0		14.9	4.0	15.0	
Feminino	33.8	7.6	33.5		7.7	2.5	7.0		13.6	4.2	14.0	
Maior competição que participou no último ano				0.4226*				0.4634				0.3128*
Municipal	37.4	7.4	37.0		8.0	2.8	8.0		13.9	4.8	14.0	
Estadual e Regional	33.4	7.5	34.0		7.6	2.8	7.0		15.0	4.0	15.0	
Nacional	34.8	6.6	35.0		8.3	2.9	7.5		13.4	4.4	13.0	
Internacional	32.3	4.5	32.5		6.7	1.9	6.5		13.8	2.3	13.5	
Quem mais assiste às competições e treinamentos				< 0.0001*				0.0004				0.0217*
Pai	32.7	6.7	33.5		7.8	3.5	7.0		14.9	4.1	14.0	
Mãe	37.5	7.8	37.0		8.6	2.1	8.0		14.8	2.5	15.0	
Os dois	31.4	5.7	32.0		6.7	2.0	7.0		13.4	4.4	13.0	
Nenhum assiste	39.3	6.8	42.0		9.8	3.2	10.0		17.2	4.5	16.0	

Teste de Kruskal-Wallis / * ANOVA / ** Teste T de Student / *** Teste de Mann-Whitney

O que mais estatisticamente significativo se observou na tabela 7 foi:

- Os atletas que disseram ser ambos os pais quem mais assistiam aos treinos e competições, foram os atletas que percepcionavam maior comportamento directivo dos pais. Evidentemente, os atletas que disseram ter nenhum dos pais a assistir suas competições, percepcionavam menos o comportamento directivo, não estavam presentes.
- Em relação ao segundo factor, os atletas que disseram ser ambos os pais quem mais assistiam suas competições, percepcionavam mais elogios e compreensão dos pais, enquanto os atletas que disseram não ter os pais presentes nas suas competições, relataram ter menos elogios e compreensão.
- Os atletas que tinham ambos os pais a assistirem suas competições e treinos evidenciaram maior envolvimento activo dos pais nas suas actividades, enquanto os atletas que disseram ter nenhum dos pais a assistir suas competições, possuíam os pais menos envolvidos activamente.

5.2 SMS

Tabela 8: Descrição dos factores do SMS

Questionário/Factores	média	desvio-padrão	mediana	Assimetria*	Kurtose
SMS					
Motivação intrínseca – saber	19.9	5.9	21.0	-0.552	-0.459
Motivação intrínseca pela prática	53.3	11.9	56.0	-0.687	-0.240
Motivação extrínseca – introjectada	19.0	4.9	19.0	-0.012	-0.146
Motivação extrínseca - regulação externa	22.2	8.0	21.5	0.276	-0.576
Amotivação	10.1	6.2	8.0	1.003	-0.761

G = 3(média-median) / (DP)

Verificou-se na tabela 8, para o factor motivação intrínseca - saber, a média absoluta foi de 19,9; mediana 21 (entre 4 e 28). Para motivação intrínseca pela prática obteve-se média de 53,3; mediana 56 (entre 10 e 70). Para motivação extrínseca - introjectada, média de 19; desvio-padrão 4,9; mediana 19 (entre 4 e 28). Para motivação extrínseca – regulação externa,

média de 22,2; mediana 21,5 (entre 6 e 42) e para amotivação, média de 10,1; desvio-padrão 6,2; mediana 8 (entre 4 e 28).

Tabela 9: Avaliação do efeito chão e teto no SMS

Ítem	Efeito			
	Chão		Tecto	
	n	%	n	%
1) Pelo prazer que sinto ao viver experiências emocionantes.	3	2,6	48	42,1
2) Pelo prazer que me dá saber mais sobre o esporte que pratico.	10	8,8	30	26,3
3) Costumava ter boas razões para praticar esporte, mas agora pergunto se devo continuar.	48	42,1	14	12,3
4) Pelo prazer de descobrir novas técnicas de treinamento.	9	7,9	25	21,9
5) Já não sei porquê. Tenho a impressão de ser incapaz em ser bem-sucedido neste esporte.	50	43,9	6	5,3
6) Porque me permite ficar bem visto pelas pessoas que conheço.	31	27,2	7	6,1
7) Porque, na minha opinião, é uma das melhores maneiras de se conhecer pessoas.	28	24,6	10	8,8
8) Porque sinto muita satisfação ao dominar certas técnicas em treinamentos difíceis.	1	0,9	39	34,2
9) Porque para ficar em forma é absolutamente necessário praticar esporte.	9	7,9	35	30,7
10) Pelo prestígio de ser um atleta.	1	0,9	53	46,5
11) Porque é uma das melhores formas que escolhi para me desenvolver pessoalmente.	8	7,0	28	24,6
12) Pelo prazer que sinto ao melhorar alguns dos meus pontos fracos.	5	4,4	40	35,1
13) Pela emoção que sinto quando estou realmente envolvido na atividade.	1	0,9	52	45,6
14) Porque preciso praticar esporte para me sentir bem.	5	4,4	29	25,4
15) Pela satisfação que sinto quando aperfeiçoo as minhas habilidades.	6	5,3	43	37,7
16) Porque as pessoas ao meu redor pensam que é importante manter a forma.	37	32,5	4	3,5
17) Porque é uma boa forma de aprender coisas que poderão ser úteis em outras áreas da minha vida.	8	7,0	38	33,3
18) Pelas sensações intensas que sinto ao praticar um esporte de que gosto.	4	3,5	66	57,9
19) Já não é claro para mim. Não parece que o meu lugar seja no esporte.	79	69,3	5	4,4
20) Pelo prazer que sinto quando executo movimentos difíceis.	12	10,5	24	21,1
21) Porque me sentiria mal se não dedicasse algum tempo praticando esporte.	10	8,8	26	22,8
22) Para mostrar aos outros como sou bom no meu esporte.	35	30,7	13	11,4
23) Pelo prazer que sinto ao aprender técnicas no treinamento que ainda não tentei.	6	5,3	29	25,4
24) Porque é uma das melhores formas de manter bom relacionamento com os meus amigos.	26	22,8	12	10,5
25) Porque gosto da sensação de estar completamente absorvido na atividade.	3	2,6	35	30,7
26) Porque preciso praticar esporte regularmente.	14	12,3	20	17,5
27) Pelo prazer de descobrir novas estratégias para aumentar o meu Desempenho	3	2,6	51	44,7
28) Costumo perguntar isso mesmo. Parece que não consigo atingir os objetivos que estabeleço.	44	38,6	10	8,8

A questão 19, “Já não é claro para mim. Não parece que o meu lugar seja no esporte”, pertence ao factor de amotivação. A tabela 9 mostrou que 69,3% dos jovens escolheram a opção *Não corresponde* (Efeito chão), sugere-se assim que estes jovens não apresentavam sinais de amotivação. Este item foi o único do SMS que mostrou um efeito maior de 50%.

Tabela 10: Coeficiente Alpha de Crombach do SMS

Cronbach Coefficient Alpha	Alpha	
Factores	0.67	
Coeficiente Alpha de Crombach Desconsiderando a questão		
	Correlação com total	Alpha
Factores		
Motivação intrínseca – saber	0.56	0.56
Motivação intrínseca pela pratica	0.58	0.55
Motivação extrínseca – introjectada	0.42	0.63
Motivação extrínseca – Regulação externa	0.62	0.53
Amotivação	0.03	0.78
Ítem		
1) Pelo prazer que sinto ao viver experiências emocionantes.	0.44	
2) Pelo prazer que me dá saber mais sobre o esporte que pratico.	0.57	
3) Costumava ter boas razões para praticar esporte, mas agora pergunto se devo continuar.	0.06	
4) Pelo prazer de descobrir novas técnicas de treinamento.	0.62	
5) Já não sei porquê. Tenho a impressão de ser incapaz em ser bem-sucedido neste esporte.	0.07	
6) Porque me permite ficar bem visto pelas pessoas que conheço.	0.53	
7) Porque, na minha opinião, é uma das melhores maneiras de se conhecer pessoas.	0.53	
8) Porque sinto muita satisfação ao dominar certas técnicas em treinamentos difíceis.	0.58	
9) Porque para ficar em forma é absolutamente necessário praticar esporte.	0.17	
10) Pelo prestígio de ser um atleta.	0.56	
11) Porque é uma das melhores formas que escolhi para me desenvolver pessoalmente.	0.49	
12) Pelo prazer que sinto ao melhorar alguns dos meus pontos fracos.	0.65	
13) Pela emoção que sinto quando estou realmente envolvido na atividade.	0.50	
14) Porque preciso praticar esporte para me sentir bem.	0.41	
15) Pela satisfação que sinto quando aperfeiçoo as minhas habilidades.	0.64	
16) Porque as pessoas ao meu redor pensam que é importante manter a forma.	0.20	
17) Porque é uma boa forma de aprender coisas que poderão ser úteis em outras áreas da minha vida.	0.60	
18) Pelas sensações intensas que sinto ao praticar um esporte de que gosto.	0.41	
19) Já não é claro para mim. Não parece que o meu lugar seja no esporte.	0.06	
20) Pelo prazer que sinto quando executo movimentos difíceis.	0.54	

21) Porque me sentiria mal se não dedicasse algum tempo praticando esporte.	0.29
22) Para mostrar aos outros como sou bom no meu esporte.	0.45
23) Pelo prazer que sinto ao aprender técnicas no treinamento que ainda não tentei.	0.61
24) Porque é uma das melhores formas de manter bom relacionamento com os meus amigos.	0.59
25) Porque gosto da sensação de estar completamente absorvido na atividade.	0.64
26) Porque preciso praticar esporte regularmente.	0.30
27) Pelo prazer de descobrir novas estratégias para aumentar o meu desempenho	0.49
28) Costumo perguntar isso mesmo. Parece que não consigo atingir os objetivos que estabeleço.	0.24

Na análise factorial exploratória do SMS, optamos por verificar a utilização de 3 factores (motivação intríntrica, extríntrica e amotivação) em nossa versão adaptada ao idioma português do Brasil, este facto reduziu o Alpha de Crombach dos factores para 0,44, valor considerado inaceitável pelas referências Hair et al. (1998), Nunnally (1978) e Bowling (1977). Este valor do Alpha de Crombach provavelmente se deve ao facto de precisarmos de uma amostra mínima de 140 participantes para alterar os factores do SMS. Desta forma, optamos por manter os 5 factores originais da versão portuguesa de Magalhães et al. (2005), que apresentou um Alpha de Crombach de 0,67 para os factores. Para ver o Alpha de Crombach do SMS com 3 factores, consultar o anexo 6.

Podemos observar na tabela 10, de acordo com o critério de Hair et al. (1998), que os 5 factores do SMS mostraram-se fiáveis, todos com o Alpha de Cronbach acima de 0,5. De acordo com o critério de Nunnally (1978), apenas o factor amotivação mostrou-se fiável. O factor motivação intríntrica – saber apresentou um Alpha de Cronbach de 0,56, o factor motivação intríntrica pela prática apresentou 0,55, o factor motivação extríntrica – introjectada apresentou 0,63, o factor motivação extríntrica – regulação externa apresentou 0,53, e o mais fiável, o factor amotivação, com um Alpha de Cronbach de 0,78.

Tabela 11: Estudo do SMS em relação as variáveis sócio-demográficas (Parte I).

	Motivação intrínseca – saber			Motivação pela prática				Motivação extrínseca – introjectada				
	média	desvio- padrão	mediana	valor-p	média	desvio- padrão	mediana	valor-p	média	desvio- padrão	mediana	valor-p
Clube				0.3740				0.0433				0.2413
Clube 1	19.6	5.1	20.0		56.6	8.1	59.0		18.1	4.8	18.0	
Clube 2	22.5	5.6	24.0		59.3	11.2	64.0		20.8	5.8	20.0	
Clube 3	19.9	6.2	21.0		53.2	12.5	56.0		19.6	5.0	20.0	
Clube 4	18.0	4.2	17.0		47.8	12.3	47.0		15.4	5.3	15.0	
Clube 5	18.0	6.8	17.0		36.0	11.9	35.5		18.0	2.2	17.5	
Clube 6	19.7	6.6	22.0		52.5	11.8	55.5		19.6	3.9	19.5	
Clube 7	21.3	6.6	23.0		54.8	11.3	58.0		18.8	6.0	19.0	
Gênero				0.2496***				0.3747***				0.1000***
Masculino	20.6	5.3	21.0		54.3	11.0	56.0		19.2	4.8	19.0	
Feminino	18.7	6.8	20.0		51.4	13.4	55.0		18.5	5.0	18.0	
Maior competição que participou no último ano				0.4131				0.2280				0.7174
Municipal	20.3	6.0	22.0		56.6	14.2	61.0		19.9	5.4	21.0	
Estadual e Regional	20.4	6.0	22.0		52.1	12.6	55.0		19.1	4.6	19.0	
Nacional	18.9	6.1	19.0		53.7	10.1	55.0		18.7	5.6	19.0	
Internacional	18.5	4.6	19.5		61.2	4.1	61.0		18.7	4.3	18.0	
Quem mais assiste às competições e treinamentos				0.6360				0.2632				0.6632
Pai	20.2	6.3	21.0		51.5	12.6	54.0		19.3	5.2	19.0	
Mãe	18.6	6.2	20.0		50.9	12.1	54.0		18.7	4.7	19.0	
Os dois	20.5	5.8	21.0		55.4	11.8	57.5		19.4	4.6	19.5	
Nenhum assiste	19.7	5.6	21.0		53.1	10.1	53.0		17.2	5.5	15.0	

Teste de Kruskal-Wallis / * ANOVA / ** Teste T de Student / *** Teste de Mann-Whitney

Tabela 11: Estudo do SMS em relação as variáveis sócio-demográficas (Parte II).

	Motivação extrínseca – Regulação externa			valor-p	Amotivação			
	média	desvio- padrão	mediana		média	desvio- padrão	mediana	
Clube				0.2443*				0.2921
Clube 1	21.5	7.3	20.0		7.3	3.4	7.0	
Clube 2	24.1	9.6	21.0		8.0	3.9	7.5	
Clube 3	24.9	8.7	26.0		10.5	6.9	7.0	
Clube 4	18.8	3.2	20.0		10.6	4.9	9.0	
Clube 5	16.5	7.6	15.0		10.3	7.2	7.0	
Clube 6	21.7	8.0	23.0		12.0	6.6	11.5	
Clube 7	20.6	7.7	20.0		10.2	8.2	6.0	
Gênero				0.4628**				0.9596
Masculino	23.2	7.8	22.0		9.9	5.9	8.0	
Feminino	20.5	8.2	20.0		10.3	6.6	8.5	
Maior competição que participou no último ano				0.9430*				0.0386
Municipal	21.1	12.3	18.0		8.0	1.4	8.0	
Estadual e Regional	22.6	7.9	22.0		11.5	6.6	11.0	
Nacional	21.4	7.5	20.0		7.7	5.3	5.5	
Internacional	23.2	8.2	24.0		7.7	2.8	8.0	
Quem mais assiste às competições e treinamentos				0.4818*				0.2938
Pai	23.2	8.0	22.5		8.9	5.4	7.0	
Mãe	20.5	8.1	20.0		9.8	5.4	9.0	
Os dois	22.5	8.2	22.0		10.0	6.4	7.0	
Nenhum assiste	22.5	7.8	21.0		13.2	7.6	12.0	

Teste de Kruskal-Wallis / * ANOVA / ** Teste T de Student / *** Teste de Mann-Whitney

Na tabela 11, observou-se estatisticamente significativo a questão “Maior competição do último ano”, os atletas que participaram de competições nacionais e internacionais apresentavam menos sinais de amotivação. Os atletas que participaram de competições estaduais e regionais apresentavam mais sinais de amotivação.

5.3 Correlação entre o envolvimento parental e motivação

Tabela 12: Coeficiente de Correlação de Spearman (r) entre os domínios PISQp e SMS

	Comportamento Directivo		Elogios e compreensão		Envolvimento Activo	
	valor-p do r	r	valor-p do r	r	valor-p do r	r
Motivação intríntrica – saber	0.0215	-0.215	0.1451	-0.137	0.7900	0.02522
Motivação intríntrica pela pratica	0.0184	-0.221	0.0300	-0.203	0.3085	-0.09622
Motivação extríntrica – introjectada	0.0268	-0.207	0.3550	-0.087	0.7991	-0.02409
Motivação extríntrica – Regulação externa	0.0914	-0.159	0.1045	-0.153	0.9289	-0.00845
Amotivação	0.0333	0.199	0.5611	0.055	0.0712	0.1696

A tabela 12 mostra o valor-p do r na correlação entre o PISQp e o SMS, em valores de r negativos, significa que o valor dos dois questionários são inversamente proporcionais, quanto maior o valor do SMS, menor será o valor do PISQp, em valores de r positivos, quanto maior o valor do SMS, maior também será o valor do PISQp.

Desta forma, podemos observar em nossa amostra que, os atletas que percepcionavam maior comportamento directivo dos pais, mostraram menor motivação intríntrica – saber, motivação intríntrica pela prática e motivação extríntrica – introjectada. Os atletas que mostraram maior amotivação, percepcionavam maior comportamento directivo dos pais.

Os atletas que percepcionavam mais elogios e compreensão dos pais, mostraram menor motivação intríntrica pela prática.

O envolvimento activo dos pais nas actividades não mostrou-se correlacionado com a motivação dos jovens desportistas.

Tabela 13: Coeficiente de Correlação de Spearman (r) entre idade e factores.

	IDADE	
	valor-p do r	r
PISQp		
Comportamento Directivo	0,3937	0,081
Elogios e compreensão	0,5557	0,056
Envolvimento Activo	0,7333	-0,032
SMS		
Motivação intrínseca – saber	0,6443	-0,044
Motivação pela pratica	0,0039	0,268
Motivação extrínseca – introjectada	0,3779	0,083
Motivação extrínseca – Regulação externa	0,8475	-0,018
Amotivação	0,7984	-0,024

Pode-se observar na tabela 13 que a idade do atleta correlaciona-se positivamente com a motivação intrínseca pela prática, quanto maior a idade maior também é a sua motivação pela prática.

Capítulo 6 - Discussão de resultados

Gomes e Zão (2007) destacam que a família assume-se normalmente como o primeiro contexto social da vida do atleta, tendo uma influência significativa sobre o seu desenvolvimento emocional e psicológico. Deste modo, pode representar uma das maiores fontes de apoio, mas também pode ser geradora de tensão e mal-estar. A seguir apresentar-se-ão alguns estudos, já mencionados em nossa revisão de literatura, para comparar e discutir nossos resultados.

Em uma das questões que incluímos no PISQp, com o objectivo de conhecer os dados demográficos e competitivos, perguntamos: “Quem mais assiste as suas competições?” Quase metade dos nadadores (43,9%) referiram que ambos os pais assistiam às suas competições e treinos.

No estudo original de Lee e Mclean (1997), os autores verificaram na Inglaterra que 37% dos filhos desportistas identificaram pai e mãe (ambos) como os mais envolvidos com seu desporto (natação). Outros 37% dos filhos desportistas disseram ser o pai o mais envolvido em sua natação, enquanto nos 26% restantes, as mães foram descritas com as mais envolvidas.

Torregrosa et al. (2007), verificaram com jovens futebolistas em Espanha que 49,2% identificaram pai e mãe (ambos) como os mais envolvidos no seu desporto. 40,2% disseram ser o pai o mais envolvido, 6,2% descreveram as mães como mais envolvidas e 4,5% percebem que nem o pai e nem a mãe está envolvida com o seu futebol.

Em nossa visão, acreditamos que o tipo de desporto influencia directamente o envolvimento de pais e mães no desporto dos filhos.

Para discutir a fiabilidade e a estrutura factorial do PISQp, vamos compará-lo ao estudo original de Lee e Mclean (1997).

O PISQ original de Lee e Mclean (1997) apresentou um Alpha de Cronbach (α) de 0,82 para o factor *Directive Behaviour*, $\alpha = 0,60$ para o factor *Praise and Understanding*, e $\alpha = 0,66$ para o factor *Active Involvement*.

Assim como descrevemos na apresentação dos resultados, o PISQp apresentou um α de 0,62. Os factores “Comportamento Directivo” e “Envolvimento Activo” apresentaram $\alpha = 0,51$ e $0,72$, respectivamente. O factor “Elogios e Compreensão” apresentou-se pouco fiável, com $\alpha = 0,25$.

Em nossos resultados sobre a motivação, foi estatisticamente significativo que os atletas que participaram de competições nacionais e internacionais, apresentavam menos sinais de amotivação. Enquanto, os atletas que participaram de competições estaduais e regionais apresentavam mais sinais de amotivação. Magalhães et al. (2005), identificaram que os atletas de gênero masculino estavam mais motivados do que as atletas de gênero feminino. Porém, em nosso estudo, pôde-se observar que a correlação entre o gênero dos atletas e as suas motivações não foi significativa.

Para discutir a correlação do Envolvimento Parental com a Motivação, vamos seguir os 3 factores do PISQp: Comportamento Directivo; Elogios e Compreensão; Envolvimento Activo.

Muitos estudos sugerem que o comportamento directivo dos pais dificulta o desenvolvimento dos filhos desportistas. Lee e Mclean (1997) destacaram em seus resultados, que o mais importante foram os indícios de que a participação dos pais tornou-se uma fonte de pressão quando eles tentaram tomar o controle da formação e do desempenho do filho. Torregrosa et al. (2007), utilizaram o PISQ e o SCQ, com o objectivo de verificar a influência de pais e mães no compromisso desportivo de jovens futebolistas em Espanha, verificaram que, quanto maior o comportamento directivo dos pais, menor se apresentava o compromisso dos atletas. Simões et al. (1999), observaram relações estatisticamente significativas entre o nível de exigência do pai com o filho de gênero masculino, os resultados indicaram grande exigência do pai para os rapazes praticarem desporto e tornarem-se bons atletas.

Em nosso estudo, os atletas que percepcionavam maior comportamento directivo dos pais mostraram menor motivação intrínseca – saber, motivação intrínseca pela prática e motivação extrínseca – introjectada. Os atletas que mostraram maior amotivação, também percepcionavam maior comportamento directivo dos pais. Estes resultados reforçam os outros estudos, pois quanto mais os pais controlam o desempenho dos filhos, referindo o que eles devem fazer, dando instruções, e outros comportamentos directivos, maior será a sua amotivação.

No capítulo anterior, apresentamos o efeito chão e tecto do PISQp e destacamos a questão 9, “Os seus pais ficam bravos se eles acham que você não está nadando tão bem quanto deveria”, e a questão 10, “Depois de uma prova seus pais falam que você não se esforçou o suficiente”. Nestas questões, observamos que 4 atletas responderam que seus pais SEMPRE ficam bravos quando eles acham que eles (atletas) não estão nadando tão bem

quanto deveriam (questão 9) e, 2 atletas responderam que seus pais SEMPRE falam que eles (atletas) não se esforçaram o suficiente (questão 10). Destes 6 atletas, constatamos que 2 deles mostraram sinais de amotivação. Este facto reforça os resultados do nosso estudo e também do estudo de Lee e Mclean (1997), ao sugerir que comportamentos directivos dos pais podem ser percebidos pelos filhos como uma fonte de pressão, e interferir de forma negativa nos seus desenvolvimentos. No caso destes 2 atletas, o comportamento dos pais pode ter contribuído para as suas amotivações.

Com relação aos elogios e compreensão, os participantes do nosso estudo que percepcionavam mais elogios e compreensão dos pais, mostravam menor motivação intrínseca pela prática, contudo, este factor do PISQp mostrou-se pouco fiável pelo Alpha de Cronbach.

Segundo Vallerand et al. (1987), a motivação intrínseca tem sido considerada desejável no contexto educacional, devido à manifestação de comportamentos adaptativos, tais como taxas mais elevadas de participação a longo prazo, persistência e esforço. Torregrosa et al. (2007) verificaram que a percepção do comportamento familiar pelos jogadores determinou significativamente os seus compromissos com o futebol, os jogadores que percepcionavam um maior apoio e compreensão por parte dos seus pais, encontravam-se mais comprometidos com o futebol. Gomes e Zão (2007), analisaram em Portugal a relação entre a influência parental e a motivação no desporto, 321 atletas de vários desportos e 291 pais participaram deste estudo. Como resultado, os atletas evidenciaram um maior apoio parental nas modalidades individuais, maior apoio e influência técnica e menos reacções negativas por parte dos pais nos escalões iniciais de formação, e maior apoio parental nos atletas sem reprovações escolares.

O envolvimento activo dos pais nas actividades desportivas do filho pode beneficiar o seu desenvolvimento, Salmela et al. (2000) afirma que os períodos de transição das fases de desenvolvimento são os mais críticos e, outros autores como Côté (1999), Reilly et al. (2000) e Durand-Busch e Samela (2002), observam que a participação da família nesta fase é fundamental. O envolvimento activo dos pais pode ser percebido pelos atletas como apoio, porém, em nosso estudo, o envolvimento activo não implicou directamente nas motivações dos atletas. No estudo de Torregrosa et al. (2007), os autores verificaram que o envolvimento activo dos pais nas actividades também não se correlacionou com o compromisso desportivo dos futebolistas.

A correlação da idade com os factores do PISQp e SMS mostrou que, a idade do atleta correlaciona-se positivamente com a motivação intrínseca pela prática. Magalhães et al. (2005), observou no voleibol que, quanto maior a idade do atleta, maior é a sua compreensão do factor competência e, melhor é a realização do seu desempenho no Voleibol.

Capítulo 7 - Conclusões

Os principais objectivos deste estudo foram: a) traduzir e adaptar o PISQ ao Português do Brasil e, deste modo, iniciar o processo de validação ao idioma Português do referido instrumento; b) analisar a relação entre a percepção dos jovens sobre o envolvimento parental na sua prática de natação e, a motivação destes jovens nadadores.

Em relação ao primeiro objectivo, acreditamos que o processo de validação foi iniciado com sucesso, a versão traduzida e adaptada (PISQp) mostrou potencial e com alguns ajustes poderá ser validada com fiabilidade.

Quanto a correlação entre a percepção dos jovens sobre o envolvimento parental em suas práticas de natação e, suas motivações, observamos como mais significativo que:

- Os atletas que percepcionavam maior comportamento directivo dos seus pais mostraram menor motivação intrínseca – saber, motivação intrínseca pela prática e motivação extrínseca – introjectada;
- Os atletas mais amotivados percepcionavam maior comportamento directivo dos pais.

7.1 Limitações do presente estudo

A principal limitação deste estudo foi o número total de participantes, com uma amostra maior, o PISQp poderia apresentar-se mais fiável, com a realização de uma análise factorial confirmatória. Também poderíamos ter testado outros factores na versão adaptada do SMS.

Outra importante limitação foi ter aplicado o PISQp em apenas um desporto, além do facto de termos avaliado, apenas a percepção dos atletas relativamente ao comportamento dos pais. Portanto, não existem dados dos pais a referir sobre a percepção dos seus próprios comportamentos.

7.2 Investigações Futuras

As limitações deste estudo descritas anteriormente, faz com que a necessidade de um estudo sequencial aumente. Estudos futuros deverão ser realizados com um número maior de participantes, em diferentes desportos, idades e níveis competitivos. Desta forma, será possível validar esta versão portuguesa do PISQ, e aumentar o conhecimento científico deste assunto tão importante para a formação desportiva.

7.3 Considerações Finais

Durante o processo de construção deste estudo, nos deparamos com várias reflexões acerca do tema Envolvimento Parental, é evidente a importância e sensibilidade da relação entre pais e filhos no desporto. Na prática, mais do que exigir dos pais uma auto-crítica sobre seus comportamentos, é importante que nós, agentes educacionais, possamos orientá-los sobre quais são os comportamentos mais adequados para a manutenção de uma relação saudável com os seus filhos.

Na prática científica, a escassez de instrumentos para analisar este Envolvimento Parental, faz aumentar a relevância do tema e a necessidade de validação desta versão portuguesa do PISQ, para aprofundar o conhecimento científico deste domínio da Psicologia.

As dificuldades encontradas neste estudo, nos fizeram perceber os aspectos a serem desenvolvidos em investigações futuras, e desta forma, contribuir para a validação do PISQp e para o surgimento de novos trabalhos e ferramentas com este tema.

Referências Bibliográficas

- American Psychiatric Association. (2001). *Manual de Estilo de Publicaciones de La APA*. (2ª ed.) México: Editorial El Manual Moderno
- Ames, C. (1992). *Achievement goals, motivational climate, and motivational processes*. In G.C. Roberts (Ed.). *Motivation in sport and exercise* (pp. 161-176). Champaign, IL: Human Kinetics.
- Barbanti, V. J. (1989). *Influência dos pais na formação esportiva dos filhos*. Dissertação de Livre Docência, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.
- Becker Júnior, B., & Telöken, E. (2000). A criança no esporte. “In” B. Becker Jr. (Ed.). *Psicologia Aplicada à Criança no Esporte* (pp. 25-30). Novo Hamburgo: Edelbra.
- Biddle, S., Chatzisarantis, N., & Hagger, M. (2001). Self-determination theory in Sport and Exercise. In F. Cury, P. Sarrazin & J.P. Famose (Eds.), *Theories de La Motivation et Sport: Stats de La Recherche*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Bloom, B. S. (1985). *Developing talent in young people*. New York (USA): Ballantine.
- Bowling, A. (1977). *Measuring disease: a review of disease specific quality of life measurements scales*. Philadelphia: Open University Press.
- Brito, A. P. (2001). *Psicologia do Desporto*. Lisboa: Omniserviços
- Brustad, R. J. (1993). Youth in Sport: Psychological Considerations. In R.N. Singer, & M. Murphey, L.K. (Ed.). *Handbook of Research on Sport Psychology* (pp. 696-717). New York: Macmillan Publishing Company

Byrne, T. (1993). Sport: It's a family affair. In M. Lee (Ed.). *Coaching children in sport: Principles and Practice*. London: Spon.

Capinussú, J. M. (1992). *Moderna Organização da Educação Física e desportos*. São Paulo: IBRASA

Cárdenas, R. N. (2006). *A motivação como fator psicológico essencial para a eficiência da prática esportiva*. Recuperado em 08 de janeiro, 2011, de <http://www.docstoc.com/docs/892401/motivacao-esportiva>.

Carr, S., Weigand, D., & Jones, J. (2000). *The relative influence of parents, peers, and sporting heroes on goal orientations of children and adolescents in sport*. *Journal Sport Pedagogy*, 6, 34-55.

Carlsson, R. (1993). *The path to the national level in sports in Sweden*. *Scandinavian Journal of Medicine & Science in Sport*, 3, 170-77.

Chantal, Y., Guay, F., Dobрева-Martinova, T. & Vallerand, R. J. (1996). *Motivation and elite performance: An exploratory investigation with Bulgarian athletes*. *International Journal of Sport Psychology*, 27, 173-182.

Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos (1988). *Regras Oficiais de Natação*. Rio de Janeiro: Palestra

Côté, J. (1999). *The influence of the family in the development of talent in sport*. *Sport Psychology*, 13, 395–417.

Cruz, J. F. (1996). Psicologia do desporto e da actividade física. In J. F. Cruz (Ed.), *Manual de Psicologia do Desporto* (pp. 17-41). Braga: Sistemas Humanos e Organizacionais.

Cruz, J., & Viana, M. (1996). *Auto-confiança e rendimento na competição desportiva*. *Manual de psicologia do desporto*. Instituto de Educação e Psicologia da

Universidade do Minho e Instituto Superior de Psicologia Aplicada de Lisboa. 265-286.

Cruz, J. F., & Matos, M. F. (1997). Avaliação psicológica de factores e processos motivacionais no desporto: Características psicométricas de instrumentos para adolescentes. In J. F. Cruz & A. R. Gomes (Eds.), *Psicologia aplicada ao desporto e à actividade física: Teoria, investigação e prática*. Braga: Universidade do Minho-APPORT.

DaCosta, L. P. (2006). *Atlas do Esporte no Brasil*. Rio de Janeiro: CONFEF

Davidson, J. W., Howe, M. J., A. Moore, D. G. & Sloboda, J. A. (1996). *The role of parental influences in the developmental of musical performance*. British Journal of Developmental Psychology, 14, 399-442.

Deci, E.L., & Ryan, R.M. (1985) *Intrinsic motivation and self-determination in human behavior*. New York: Plenum Press.

De Marco, A., & Junqueira, F.C. (1995). Diferentes tipos de influências sobre a motivação de crianças numa iniciação desportiva. In V.L.N. Piccolo (Org.). *Educação física escolar: ser ou não ter?* (3ª Ed., pp. 87-103) Campinas: Unicamp.

Duda, J., Chi, L., Newton, M., Walling, M. & Catley, D. (1995). *Task and ego orientation and intrinsic motivation in sport*. International Journal of Sport Psychology, 26 (1), 40-63.

Durant-Bush, N., & Salmela, J. (2002). *The development maintenance of expert athletic performance: Perception of world and Olympic champions*. Journal of Applied Sport Psychology, 14, 154 -171.

Ferreira, J. (2005). *A importância da motivação nas aulas de educação física: estudo com alunos de 2.º ciclo do ensino básico*. Dissertação de Mestrado, Universidade da Beira Interior, Covilhã, Portugal.

Fonseca, A. M., & Brito, A. P. (2005). *A questão da adaptação transcultural de instrumentos para avaliação psicológica em contextos desportivos nacionais – o caso do “Task and Ego Orientation in Sport Questionnaire (TEOSQ)”*. *Psychologica*, 39, 95-18.

Fredricks, J. A., & Eccles, J. S. (2005). *Family socialization, gender, and sport motivation and involvement*. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 27, 3-31.

Gomes, R. (2007). *A relação entre pais e filhos no desporto*. Retirado em 10 de fevereiro, 2011, de <http://www.new.fcpnatacao.com/files/artigos/relacao%20entre%20pais%20e%20filhos.pdf>

Gomes, R., & Zão, D. V. (2007). *Envolvimento parental e Orientação Motivacional na Prática Desportiva: Desenvolvimento de instrumentos de avaliação e análise das percepções de pais e atletas*. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*, 2, 319-339

González, G. Tabernero, B., & Márquez, S. (2000). *Análisis de los motivos para participar en fútbol y en tenis en la iniciación deportiva*. *Revista Motricidad*, 6, 47-66.

Gorbunov, G. D. (1988). *Psicopedagogía del Deporte*. Moscú: Editorial V/ O Vneshtorgizdat por pedido especial de la Editorial Pueblo y Educación.

Gordillo, A. (1992). *Orientaciones Psicológicas em la Iniciación Deportiva*. *Revista de Psicología del Deporte*, 1, 27-36.

Hair, J. F., Anderson, R. E., Tatham, R. E., Blach, W. C. (1998). *Multivariate Data Analysis*. New Jersey: Prentice Hall.

Harter, S. (1978). *Effectance motivation reconsidered: Toward a development model*. *Human Development*, 1, 34-64.

Harter, S. (1981). *A model of strinsic mastery motivation in children: Individual differences and developmental changes*. In W. A. Collins (Ed.), *Minnesota Symposium on Child Psychology* (vol.14, p. 215-255). Hillsdale: Erlbaum.

Hellstedt, J. C. (1990). *Early adolescent perceptions of parental pressure in the sport environment*. *Journal of Sport Behaviour*, 13, 135-144.

Hanlon, T. (1994). *Sport Parent American Sports Education Program*. Champaign: Human Kinetics.

Horta, L. (2003). *Factores de predição do rendimento desportivo em atletas juvenis de futebol*. Dissertação de Doutoramento. Lisboa: Edição do Autor.

Hyland, M. E. (2003). *A brief guide to the selection of quality of life instrument*. Recuperado em 12 de março, 2011, de <http://www.hqlo.com/content/1/1/24>

Janssen, J., & Dale, G.A. (2002). *The seven secrets of successful coaches*. Tucson: Wining the mental game.

Korsakas, P. (2002). O Esporte Infantil: As possibilidades de uma Prática Educativa. In D. De Rose, Jr. (Ed.). *Esporte e Atividade Física na Infância e na Adolescência: Uma Abordagem Multidisciplinar* (pp. 39-49). Porto Alegre: Artmed Editora.

Kowal, J., & Fortier, M. S. (2000). *Testing relationships from the hierarchical model of intrinsic and extrinsic motivation using flow as a motivational consequence*. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, 71(2), 171-181.

Lanaro Filho, P. , & Böhme, M. T. S. (2001). *Detecção, seleção e promoção de talentos esportivos em ginástica rítmica desportiva: Um estudo de revisão*. *Revista Paulista de Educação Física*, 15(2), 154-168.

Latorre, D.L.S. (2001). *Influencia de la familia en el deporte escolar*. *Revista Educacion Fisica y Deporte*, 40-47.

Lee, M. J., & Mclean, S. (1997). *Sources of parental pressure among age group swimmers*. *European Journal of Physical Education*, 2(2), 167 - 177.

Machado, A. A. (1997). *Psicologia do esporte - temas emergentes I*. Jundiaí (Brasil): Ápice.

Magalhães, T., Cunha, A., Antunes, J. & Palmeira, A. (2005). *Motivação para a prática do Voleibol. Tradução e validação da Sport Motivational Scale*. Lisboa: U.L.H.T.

Malina, R. (1994). Physical growth and biological maturation of young athletes. In J. O. Hollosky (Ed.). *Exercise and Sport Sciences Reviews* (22, pp. 389-433).

Marinho, I. P. (1952). *História da Educação Física e dos desportos no Brasil*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Edição do autor.

Martens, R. (1996). *Turning kids on the physical activity for a lifetime*. *Quest*, 48, 303-310.

Martens, M. & Webber, S. (2002). *Psychometric properties of the Sport motivation scale: Na evaluation with college varsity athletes from the U.S*. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 24, 254-270.

McGrath, J. E. (1970). Major methodological issues. In J. E. McGrath (Ed.) *Social and psychological factors in stress* (pp. 19-49). New York, Holt, Rinehart & Winston.

McHorney, C. A, Ware, J. E., Lu, J. F. R., & Sherbourne, C. D. (1994). *The MOS 36-item short-form health survey (SF-36): III. Tests of data quality, scaling assumptions and reliability across diverse patient groups*. *Medical Care*, 32(1), 40-66.

Moraes, L. C., Rabelo, A. S., & Salmela, J. H. (2004). *Papel dos Pais no Desenvolvimento de Jovens Futebolistas*. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(2), 211-222.

Ntoumanis, N. (2001). *A self-determination approach to the understanding of motivation in physical education*. *British Journal of Educational Psychology*, 71, 225-242.

Nunnally, J. C. (1978). *Psychometric theory*. New York: McGraw-Hill.

Pelletier, L. G., Fortier, M., Vallerand, R. J., Brière, N. M., Tuson, K. M., & Blais, M. R. (1995). *The Sport Motivation Scale (SMS-28)*. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 17, 35-53.

Peres, L., & Lovisolo, H. (2006). *Formação esportiva: Teoria e visões do atleta de elite no Brasil*. *Revista da Educação Física/UEM.*, 17(2), 211-18.

Platonov, V. N. (2004). *Teoria geral do treinamento desportivo olímpico*. Porto Alegre (Brasil): Artmed.

Régnier, G., Salmela, J., & Russel, S. J. (1993). Talent detection and development in sport. In R. N. Singer, M. Murphey, & K. L. Tennaue (Ed.). *Handbook of research in sport psychology* (pp. 290-313). New York: MacMillan

Reilly, T., Bangsbo, J., & Franks, A. (2000). *Anthropometric and physiological predispositions for elite soccer*. *Journal Sports Science*, 18, 669-683.

Reilly, T., Williams, A. M., Nevill, A., & Franks, A. (2000). *A multidisciplinary approach to talent identification in soccer*. *Journal Sports Science*, 19, 695-702.

Ryan, J. (1995). *Little Girls in Pretty Boxes*. New York: Warner Books.

Ryan, R. M., Connell, J. P., & Deci, E. L. (1985). A motivational analysis of self-determination and self-regulation in education. In C. Ames, & R. Ames (Eds.). *Research on motivation in education* (pp. 16-31). New York: Academic Press.

Ryan, R. M., & Connell, J. P. (1989). *Perceived locus of causality and internalization: Examining reasons for acting in two domains*. *Journal of Personality and Social Psychology*, 57, 749-761.

Ryan, R. M. & Deci, E. L. (2000). *The darker and brighter sides of human existence: Basic psychological needs as a unifying concept*. *Psychological Inquiry*, 11(4), 319-338.

Ryan, R. M., Deci, E. L., Grolnick, W. S., & LaGuardia, J. G. (2006). The significance of autonomy and autonomy support in psychological development and psychopathology. In D. Cicchetti, & D. Cohen (Eds.) *Developmental Psychopathology - Theory and Methods 2ª Ed.* (Vol. 1, pp. 295- 849). New York: John Wiley & Sons.

Salmela, J. H., & Moraes, L. C. (2003). Coaching expertise, families and cultural contexts. In L. Starkes, & K.A. Ericsson (Ed.). *Expert performance in sport: Advances in research on sport expertise* (pp. 275-396). Champaign: Human Kinetics

Salmela, J. H., Young, B. W., & Kallio, J. (2000). Within-career transitions of the athlete-coach-parent triad. In D. Lavallee, P. Wylleman (Ed.). *Career transitions in sport: International perspectives* (pp. 181-193). Morgantown: FIT.

Samulski, D. (1995). *Psicologia do esporte: teoria e aplicação prática*. Belo Horizonte: UFMG.

Sandoval, A.E.P. (1996). Deteccion de talentos deportivos e seguimiento hacia el alto nivel. In J. F. M. Becerra, & R. S. Gomes (Eds.). *Olimpismo y Medicina Deportiva, problemas y soluciones del deporte infantil y juvenil* (pp. 159-171). Madrid: Sergraph.

Scanlan, T. & Lewthwaite, R. (1984). *Social psychological aspects of competition: I. Predictors of competitive stress*. Journal of Sport Psychology, 6:208-226.

Serpa, S. (1992). Motivação para a prática desportiva. In F. Sobral & A. Marques (Eds.). *Desenvolvimento somato-motor e factores de excelência desportiva na população escolar portuguesa*. Lisboa: Ministério da Educação, D.G.E.B.S.-G.C.D.E.

Serpa, S. (1995). *A relação interpessoal no dia de treinador-atleta. Desenvolvimento e aplicação de um inventário de comportamentos ansiogénicos do treinador*. Tese de Doutoramento. Lisboa: FMH-UTL.

Scanlan, T., & Lewthwaite, R. (1984). *Social psychological aspects of competition: I. Predictors of competitive stress*. Journal of Sport Psychology, 6, 208-226.

SESC-SP/ Datafolha (2003). *Os Paulistas e a Atividade Física*. São Paulo: IPAQ

Silva, C. M. (2006). *Amor incondicional? Suporte parental e estilos motivacionais em jovens atletas*. Dissertação de mestrado. Braga: Universidade do Minho.

Simões, A. C., Böhme, M. T. S., & Lucato, S. (1999). *A participação dos pais na vida esportiva dos filhos*. Revista Paulista de Educação Física, 13(1): 34-45.

Smith, D., & Bar-Eli, M. (2007). *Essential Readings in Sport and Exercise Psychology*. Human Kinetics.

Smith, R. E., Smoll, F. L. & Barnett, N. P. (1995). *Reduction of Children's Sport Performance Anxiety Through Social Support and Stress-Reduction Training for Coaches*. Journal of Applied Developmental Psychology, 16, 125-142.

Smith, R. E., & Smoll, F. L. (1996). Psychosocial interventions in youth sport. In J. Raalte & B. Brewer (Eds.), *Exploring Sport and Exercise Psychology*. Washington: American Psychological Association.

Sousa, C., Smith, R. E., & Cruz, J. (2008). *An individualized Behavioral Goal-Setting Program for Coaches*. *Journal of Clinical Sport Psychology*, 2, 258-277.

Standage, M., Treasure, D. C., Duda, J. L., & Prusak, K. A. (2003). *Validity, reliability, and invariance of the Situational Motivation Scale (SIMS) across diverse physical activity contexts*. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 25, 19-43.

Torregrosa, M., Cruz, J., Sousa, C., Viladrich, C., Villamarín F., Garcia-Mas, A., & Palou, P. (2007). *La influencia de padres y madres en el compromiso deportivo de futbolistas jóvenes*. *Revista Latinoamericana de Psicología*, 39(2), 227-237.

Torregrosa, M., Sousa, C., Viladrich, C., Villamarín, F., & Cruz, J. (2008). *El clima motivacional y el estilo de comunicación del entrenador como predictores del compromiso en futbolistas jóvenes*. *Psicothema*, 20(2), 254-259.

Ullrich-French, S., & Smith, A. L. (2006). *Perceptions of relationships with parents and peers in youth sport: Independent and combined prediction of motivational outcomes*. *Psychology of Sport and Exercise*, 7, 193-214.

Vallerand, R. J. (2001). A hierarchical of intrinsic and extrinsic motivation in sport and exercise. In G. C. Roberts (Ed.), *Advances in Motivation in Sport and Exercise*. Champaign: Human Kinetics, 263-320.

Vallerand, R. J., & Bissonnette, R. (1982). *Intrinsic and amotivational styles as predictors of behaviour: A prospective study*. *Journal of Personality*, 60, 599-620.

Vallerand, R. J., Deci, E. L. & Ryan, R. M. (1987). *Intrinsic motivation in sport*. *Exercise and Sport Science Reviews*, 15, 389-425.

Vallerand, R. J., Fortier, M. S., & Guay, F. (1997). *Self-determination and persistence in a real-life setting: Toward a motivational model of high school dropout*. *Journal of Personality and Social Psychology*, 72, 1161-1176.

Vallerand, R. J., Pelletier, L. G., Blais, M. R., Brikre, N. M., SCnCcal, C., & Vallibres, E. F. (1992). *The Academic Motivation Scale: A measure of intrinsic, extrinsic, and arnotivation in education*. *Educational and Psychological Measurement*, 52, 1003-1017.

Vallerand, R. J., Salvy, S. J., Mageau, G. A., Elliot, A. J., Denis, P. L., Grouzet, F. M. E., Blanchard, C. D. (2007). *On the Role of Passion in Performance*. *Journal of Personality*, 75, 505-534.

Van Yperen, N. W. (1998). *Interpersonal stress, performance level, and parental support: A longitudinal study among highly skilled young soccer players*. *Sport Psychology*, 9, 225-241.

Verardi, C. E. L., & De Marco, A. (2008). *Iniciação Esportiva: A influência de pais, professores e técnicos*. *Arquivos em Movimento*, 4(2), 102-123.

Vilani, L. H. P., & Samulski, D. M. (2002). *Família e Esporte: uma revisão sobre a influência dos pais na carreira esportiva de crianças e adolescentes*. In E. Silami Garcia, K. L. M. Lemos (Eds.). *Temas Atuais VII: Educação Física e Esportes* (pp. 09-26), Belo Horizonte: Editora Health

Viseu, J. M. P. (2001). *Desporto: Um Estado fora-de-jogo*. *Economia Pura*, 44-47.

Weinberg, R. S., & Gould, D. (1999). *Fundamentos da Psicologia do Esporte e do Exercício (2ª Edição)*. Porto Alegre: Artmed Editora.

Yang, X., Telema, R., & Laakso, L. (1996). *Parents physical activity socioeconomic status and education as predictors of physical activity and sport among children and*

youths: A 12-year follow-up study. *International Review for the Sociology of Sport*, 31, 273-294.

Anexos

Anexo 1: Descrição dos participantes

Característica	N	%
Clube		
Clube 1	21	18.4
Clube 2	10	8.8
Clube 3	31	27.2
Clube 4	9	7.9
Clube 5	4	3.5
Clube 6	30	26.3
Clube 7	9	7.9
Idade		
12	16	14.0
13	21	18.4
14	20	17.5
15	16	14.0
16	23	20.2
17	11	9.7
18	2	1.8
19	3	2.6
20	2	1.8
(média+/- desvio-padrão)	14.7 +/- 1.9	
Gênero		
Masculino	74	64.9
Feminino	40	35.1
Maior Competição que já participou		
Municipal	7	6.1
Estadual e Regional	71	62.3
Nacional	30	26.3
Internacional	6	5.3
Quem mais assiste às competições e treinos		
Pai	26	22.8
Mãe	25	21.9
Os dois	50	43.9
Nenhum assiste	13	11.4

Anexo 2: E-mail de autorização do Dr. Martin Lee


From: Dr. Martin Lee (mlee04@toucansurf.com)
To: andre-aroni@hotmail.com
Subject: PISQ
Date: Mon, 2 Mar 2009 15:54:09 +0000

Dear Mr Aroni:

thank you for your enquiry via my colleague Dr. Jean Whitehead regarding PISQ. In essence I am pleased that you would like to translate and adapt the instrument for your research. I take it you have a copy of the instrument already. You will need to translate it, validate with your population and then establish its reliability. This will tell you whether your translation is an accurate representation of the original. Please note that the original was developed for swimmers and adaptations should take into account the sport(s) that your population undertakes.

Good luck with your work. I would be interested to see the results.

Martin Lee PhD

Permission to adapt the PISQ
De:  **ARONI A.** (andre-aroni@hotmail.com)
Enviada: domingo, 1 de março de 2009 0:10:46
Para: mlee04@toucan.com

Dear Dr. Martin J. Lee,

My name is André Aroni, I am Brazilian graduate student, currently undertaking my masters degree in Coaching Young Athletes at "Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias", in Lisbon, Portugal.

As part of my master's thesis I intend to adapt the Parental Involvement Sport Questionnaire (PISQ) for the Portuguese language. Thus, I write to request your permission, to do so.

Thank you for your attention.

Regards.

Anexo 3: PISQp

1) Idade: _____ anos.

2) Sexo: () **masculino** () **feminino**

3) Maior competição que participou no último ano:

_____.

4) Agora pedimos que nos ajudem a conhecer o que pensa sobre o apoio dos seus pais na sua prática da natação. Em seu caso, quem mais assiste as competições e treinamentos:

Pai() Mãe() Os dois() Nenhum()

5) A seguir apresentamos uma lista de afirmações que outros jovens esportistas disseram sobre o que fazem seus pais em relação ao esporte. Marca o número que melhor apresenta o que você acha que seus pais fazem:

	Sempre	Frequen- tamente	Algumas vezes	Quase nunca	Nunca
Após uma competição seus pais falam o que eles acham que você precisa melhorar.	1	2	3	4	5
Seus pais falam como eles acham que você pode melhorar sua técnica.	1	2	3	4	5
Após uma prova ruim seus pais apontam o que eles acham que você fez mal.	1	2	3	4	5
Antes de uma prova seus pais falam sobre os aspectos que você precisa melhorar para nadar bem.	1	2	3	4	5
Antes de uma competição seus pais falam como nadar suas provas.	1	2	3	4	5
	Sempre	Frequen- tamente	Algumas vezes	Quase nunca	Nunca
Os seus pais gritam e torcem antes de uma prova.	1	2	3	4	5
Durante os treinos seus pais falam ou sinalizam o que você deve fazer.	1	2	3	4	5
Os seus pais te estimulam a treinar mais forte.	1	2	3	4	5
Os seus pais ficam bravos se eles acham que você não está nadando tão bem quanto deveria.	1	2	3	4	5
Depois de uma prova seus pais falam que você não se esforçou o suficiente.	1	2	3	4	5

	Sempre	Frequen- temente	Algumas vezes	Quase nunca	Nunca
Logo após uma prova ruim seus pais elogiam o que fez bem.	1	2	3	4	5
Após a prova seus pais elogiam seu esforço.	1	2	3	4	5
Os seus pais mostram que eles entendem como você se sente sobre a natação.	1	2	3	4	5
Após uma prova seus pais o elogiam pelo lugar em que ficou colocado.	1	2	3	4	5
Os seus pais assumem um papel ativo na administração do seu clube.	1	2	3	4	5
	Sempre	Frequen- temente	Algumas vezes	Quase nunca	Nunca
Os seus pais são voluntários para ajudar em competições como membros da comissão organizadora.	1	2	3	4	5
Os seus pais conversam sobre sua evolução com seu treinador.	1	2	3	4	5
Os seus pais te estimulam a lhes contar sobre algum problema ou preocupações que você possa ter em relação a natação.	1	2	3	4	5
Seus pais mudam o horário das refeições para que você possa treinar e participar nas competições.	1	2	3	4	5

Anexo 4: SMS (Versão Adaptada ao idioma Português do Brasil)

Por que razão pratica esporte?

Utilizando a escala abaixo, por favor indique em que medida é que cada um dos ítems corresponde a uma das razões pela qual está presentemente praticando esporte.

Não Corresponde	Corresponde um pouco	Corresponde moderadamente	Corresponde Muito	Corresponde exatamente			
1	2	3	4	5	6	7	
1) Pelo prazer que sinto ao viver experiências emocionantes.	1	2	3	4	5	6	7
2) Pelo prazer que me dá saber mais sobre o esporte que pratico.	1	2	3	4	5	6	7
3) Costumava ter boas razões para praticar esporte, mas agora pergunto se devo continuar.	1	2	3	4	5	6	7
4) Pelo prazer de descobrir novas técnicas de treinamento.	1	2	3	4	5	6	7
5) Já não sei porquê. Tenho a impressão de ser incapaz em ser bem-sucedido neste esporte.	1	2	3	4	5	6	7
6) Porque me permite ficar bem visto pelas pessoas que conheço.	1	2	3	4	5	6	7
7) Porque, na minha opinião, é uma das melhores maneiras de se conhecer pessoas.	1	2	3	4	5	6	7
8) Porque sinto muita satisfação ao dominar certas técnicas em treinamentos difíceis.	1	2	3	4	5	6	7
9) Porque para ficar em forma é absolutamente necessário praticar esporte.	1	2	3	4	5	6	7
10) Pelo prestígio de ser um atleta.	1	2	3	4	5	6	7
11) Porque é uma das melhores formas que escolhi para me desenvolver pessoalmente.	1	2	3	4	5	6	7
12) Pelo prazer que sinto ao melhorar alguns dos meus pontos fracos.	1	2	3	4	5	6	7
13) Pela emoção que sinto quando estou realmente envolvido na atividade.	1	2	3	4	5	6	7
14) Porque preciso praticar esporte para me sentir bem.	1	2	3	4	5	6	7
15) Pela satisfação que sinto quando aperfeiçoo as minhas habilidades.	1	2	3	4	5	6	7
16) Porque as pessoas ao meu redor pensam que é importante manter a forma.	1	2	3	4	5	6	7
17) Porque é uma boa forma de aprender coisas que poderão ser úteis em outras áreas da minha vida.	1	2	3	4	5	6	7

18) Pelas sensações intensas que sinto ao praticar um esporte de que gosto.	1	2	3	4	5	6	7
19) Já não é claro para mim. Não parece que o meu lugar seja no esporte.	1	2	3	4	5	6	7
20) Pelo prazer que sinto quando executo movimentos difíceis.	1	2	3	4	5	6	7
21) Porque me sentiria mal se não dedicasse algum tempo praticando esporte.	1	2	3	4	5	6	7
22) Para mostrar aos outros como sou bom no meu esporte.	1	2	3	4	5	6	7
23) Pelo prazer que sinto ao aprender técnicas no treinamento que ainda não tentei.	1	2	3	4	5	6	7
24) Porque é uma das melhores formas de manter bom relacionamento com os meus amigos.	1	2	3	4	5	6	7
25) Porque gosto da sensação de estar completamente absorvido na atividade.	1	2	3	4	5	6	7
26) Porque preciso praticar esporte regularmente.	1	2	3	4	5	6	7
27) Pelo prazer de descobrir novas estratégias para aumentar o meu desempenho	1	2	3	4	5	6	7
28) Costumo perguntar isso mesmo. Parece que não consigo atingir os objetivos que estabeleço.	1	2	3	4	5	6	7

Anexo 5: Protocolo de administração dos questionários

1º) Apresentação e explicação dos objectivos do estudo

Discurso: _ Somos de um grupo de estudos da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, em Lisboa, Portugal. Queremos convidá-los para participar de um estudo, onde o objetivo é conhecer a opinião de atletas relativamente à sua experiência desportiva na natação. Vamos convidar os atletas de diferentes clubes no estado de São Paulo, sempre em caráter confidencial, por isso não precisarão colocar os nomes, apenas a data de nascimento.

É fundamental esclarecer que a participação neste estudo é voluntária.

2º) Explicação sobre o PISQp e SMS

Discurso: _ Não há repostas certas ou erradas, apenas queremos conhecer as suas opiniões sobre as afirmações descritas.

Deve-se explicar as afirmações e as opções de resposta.

Deixar-se a disposição sobre as dúvidas.

3º) Observação importante

Não utilizar palavras como: questionário, questões e perguntas.

Anexo 6: Alpha de Crombach do SMS com 3 factores

Cronbach Coefficient Alpha	Alpha	
Factores	0.44	
Coeficiente Alpha de Crombach Desconsiderando a questão	Correlação com total	Alpha
Factores		
Motivação intrínseca	0.31	0.26
Motivação extrínseca	0.51	-0.18
Amotivação	0.04	0.71
Questões		
1) Pelo prazer que sinto ao viver experiências emocionantes.	0.44	
2) Pelo prazer que me dá saber mais sobre o esporte que pratico.	0.57	
3) Costumava ter boas razões para praticar esporte, mas agora pergunto se devo continuar.	0.06	
4) Pelo prazer de descobrir novas técnicas de treinamento.	0.62	
5) Já não sei porquê. Tenho a impressão de ser incapaz em ser bem-sucedido neste esporte.	0.07	
6) Porque me permite ficar bem visto pelas pessoas que conheço.	0.53	
7) Porque, na minha opinião, é uma das melhores maneiras de se conhecer pessoas.	0.53	
8) Porque sinto muita satisfação ao dominar certas técnicas em treinamentos difíceis.	0.58	
9) Porque para ficar em forma é absolutamente necessário praticar esporte.	0.17	
10) Pelo prestígio de ser um atleta.	0.56	
11) Porque é uma das melhores formas que escolhi para me desenvolver pessoalmente.	0.49	
12) Pelo prazer que sinto ao melhorar alguns dos meus pontos fracos.	0.65	
13) Pela emoção que sinto quando estou realmente envolvido na atividade.	0.50	
14) Porque preciso praticar esporte para me sentir bem.	0.41	
15) Pela satisfação que sinto quando aperfeiçoo as minhas habilidades.	0.64	
16) Porque as pessoas ao meu redor pensam que é importante manter a forma.	0.20	
17) Porque é uma boa forma de aprender coisas que poderão ser úteis em outras áreas da minha vida.	0.60	
18) Pelas sensações intensas que sinto ao praticar um esporte de que gosto.	0.41	
19) Já não é claro para mim. Não parece que o meu lugar seja no esporte.	0.06	
20) Pelo prazer que sinto quando executo movimentos difíceis.	0.54	
21) Porque me sentiria mal se não dedicasse algum tempo praticando esporte.	0.29	
22) Para mostrar aos outros como sou bom no meu esporte.	0.45	
23) Pelo prazer que sinto ao aprender técnicas no treinamento que ainda não tentei.	0.61	
24) Porque é uma das melhores formas de manter bom relacionamento com os meus amigos.	0.59	

25) Porque gosto da sensação de estar completamente absorvido na atividade.	0.64
26) Porque preciso praticar esporte regularmente.	0.30
27) Pelo prazer de descobrir novas estratégias para aumentar o meu desempenho	0.49
28) Costumo perguntar isso mesmo. Parece que não consigo atingir os objetivos que estabeleço.	0.24
